

FERNANDO GELATI

Os Aspectos Políticos-Militares do Império Romano Ocidental
na Crônica de Idácio
(379-469)

Dissertação apresentada como requisito
parcial à obtenção do grau de Mestre.
Curso de Pós-Graduação em História,
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Renan Frighetto

CURITIBA
2004

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas colaboraram com a realização deste trabalho, algumas nem sabem, mas a sua presença silenciosa foi eloqüente. Outras marcaram a elaboração e redação durante todo o processo da realização do trabalho. Merece uma especial menção a professora Márcia Siqueira que, desde a graduação, foi incentivadora e orientadora nas pesquisas que resultaram no ingresso no curso de pós-graduação. Agradeço aos professores que estiveram presentes desde o início dos créditos até a qualificação: Fátima, Marion, Ribeiro, Marcos Napolitano, Renata. Aos meus colegas que estiveram trilhando juntos o caminho da dissertação, com apoio, discutindo, estudando juntos, descobrindo bibliografias e textos. Aos colegas e amigos que participaram de uma maneira ou outra, marcando profundamente a história da nossa vida: Liliane, Nice, Joca, Maria Helena, Ana Letícia, Aldo e principalmente Priscila, que teve paciência maior em me ajudar na revisão final, além de tudo. Agradeço muito e de coração à minha amiga Luci por ter grande responsabilidade na finalização deste trabalho. E, em especial, ao meu orientador, professor Renan, que sempre esteve presente com apoio, conselhos, sugestões, material para pesquisa, bibliografia e principalmente com paciência e confiança. A todos que possam se sentir relacionados com este trabalho, também agradeço e espero poder retribuir em tudo o que fizeram por mim.

SUMÁRIO

	LISTA DE FIGURAS	iv
	RESUMO	v
	ABSTRACT	vi
1	INTRODUÇÃO	1
2	IDÁCIO, BISPO E CRONISTA	8
2.1	IDÁCIO, HISTORIADOR	11
2.2	O BISPO NO MUNDO ROMANO	13
2.3	A CRÔNICA	17
3	O MUNDO ROMANO NA VIRADA DO SÉCULO IV PARA O V	21
3.1	INVASÕES BÁRBARAS	29
3.1.1	Invasões Bárbaras no Ocidente	31
3.2	REBELIÕES NA GÁLIA E HISPÂNIA	37
4	ASPECTOS MILITARES	46
4.1	ESTILICÃO	48
4.2	CONSTÂNCIO	53
4.3	AÉCIO	58
4.5	VISIGODOS	68
4.6	RECÍMER	74
5	CONCLUSÃO	77
	ANEXO 1	83
	ANEXO 2	84
	ANEXO 3	85
	ANEXO 4	85
	BIBLIOGRAFIA	86

LISTA DE FIGURAS

1. Mapa - MIGRAÇÕES DOS POVOS INVASORES DA HISPÂNIA	83
2. Mapa - DIOCESES, PROVÍNCIAS E CIDADES, SÉCULO V	84
3. Mapa - INVASÕES BÁRBARAS NA HISPÂNIA	85
4. Mapa - PROVÍNCIAS HISPÂNICAS	85

RESUMO

A tradição militar do império romano tornou possível a sua expansão e manutenção por um longo período de tempo. Por isso, quando seus meios militares começaram a decrescer, sua extensão territorial também foi paulatinamente sendo diminuída e a própria ascendência política sobre o mundo romano e romanizado foi decrescendo. Os responsáveis por esta situação podem ser várias circunstâncias que somadas levaram à dissolução do império romano ocidental em fins do século V d.C. A diminuição da força e da capacidade de reação militar dos romanos frente aos problemas e crises do final do século IV, até meados do século V, estão entre as suas grandes responsáveis. Crises que, principalmente, estão representados pelas invasões bárbaras nos territórios do ocidente romano, e são encontradas nos apontamentos da crônica de um bispo cristão, Idácio de Chaves, da província da Gallaecia, na Península Ibérica, de onde foram tiradas as situações referentes aos mais eminentes responsáveis na condução da política e estratégia militar romana para enfrentar a fragmentação territorial e política do Império Romano do Ocidente.

Palavras-chaves: Roma, História Militar, Bispo

ABSTRACT

It was the military tradition of the Roman Empire that made its expansion possible and sustained its power for a long period of time. Therefore, when its military power began to decrease, so did its territorial extension and its political importance over the Roman and Romanized world, though not as quickly. Many different circumstances can be held responsible for the fall of the western hold of the Roman Empire in the end of the 5th century. The decrease of troops and the diminished possibility of reaction of the Roman military forces to the crises that occurred between the end of the 4th and the middle of the 5th centuries are among the most important causes of the fall. Such crises were mainly the barbaric invasions of the western Roman territory, and can be read about from the writings of Idácio de Chaves, a Christian bishop from the province of Gallaecia, in the Iberian Peninsula. From such writings were taken some of the most relevant information about the key players of the Roman policies and military strategies to fight the political and territorial fragmentation of the western Roman Empire.

Keywords: Rome, Military History, Bishop.

1 INTRODUÇÃO

Os romanos construíram um império cuja extensão ocupava todas as margens do Mar Mediterrâneo. Englobava grande parte do território da Europa ocidental e sua fronteira corria ao longo do rio Danúbio até o mar Negro. No auge de sua expansão territorial ocupava, controlava ou influenciava grande parte do mundo ‘civilizado’ de então.

Este fenômeno expansionista iniciou, se propagou e foi mantido graças a uma grande capacidade de organização do povo romano. Organização que era encontrada na administração, no governo, na economia, nas leis e no aparato militar. Este último foi um elemento de presença contínua e que deu início ao processo de aquisição territorial. O êxito das armas romanas foi o grande responsável pela presença de Roma na grande extensão de terras e diversidade de povos que passou ao seu controle por longos séculos.

Os romanos não inventaram a guerra e nem as artes de conduzi-la, mas foram os que mais souberam utilizá-la e aperfeiçoar os seus meios com tamanha destreza e competência que tornaram-se quase o sinônimo de sua tradição e cultura.

Esta pesquisa tem como objeto central não o período do auge da força e da eficiência da tradição romana nas armas e sua utilização como instrumento de manutenção da política e cultura romanas. E que apesar da eficiência alcançada por Roma no segmento militar, houve uma época em que a tradição não mais conseguiu garantir a supremacia diante de novos obstáculos que se apresentaram aos seus líderes e responsáveis pela política militar do império.

Mas, verificar o processo que levou a esta diminuição da eficiência militar até o ponto de não mais ser capaz de garantir, como o fizera durante muitos séculos, a integridade do território e conseqüentemente do próprio império como uma entidade política.

Durante a elaboração da pesquisa, alguns passos foram seguidos para cobrir a trilha de alguns dos possíveis fatores que levaram ao fim do império Romano do Ocidente. Primeiramente foi privilegiado o aspecto da redução da capacidade militar dos romanos como uma das principais causas para a perda de partes de seu extenso território, de sua unidade política, gerando, como conseqüência sua própria extinção política. Depois foi a escolha da fonte, que recaiu sobre a obra legada através de um bispo originário da região noroeste da península Ibérica. Os motivos básicos que levaram a utilização desta fonte, foram que ela cobre o período de tempo que compreende a fase mais aguda do processo de transição que caracterizou a história romana em todos os aspectos da sociedade e política que nos interessa para desenvolver o este trabalho. O período em questão abrange o final do século IV até meados do século V d.C. Mais especificamente do ano de 379 a 469 d.C., em que o autor da fonte registrou grande parte dos eventos referentes ao processo de transição e das crises por ele gerado que se abateram sobre o império romano.

Esta fonte consiste em uma crônica¹, cuja autoria é de um bispo romano católico que tinha a sua sede episcopal em uma província que não estava no centro da vida política do império, suas observações podem ter a

¹ IDACIO, Obispo de Chaves. *Su cronicon*. Salamanca : Ed. Casalancias, 1994. Introdução, texto crítico, versão espanhola e comentários por Julio Campos.

vantagem de confirmar a fase aguda de dificuldades, pela qual todo o mundo romano e romanizado estava passando, pelo ponto de vista de um clérigo provinciano. Incluindo aí o fenômeno militar, que transparece na crônica através dos comentários dos fatos positivos e negativos, na opinião do autor, dos principais responsáveis pela destinos, comando e liderança das forças militares e não só dos romanos mas também dos seus inimigos e aliados. Por isso a crônica será o ponto de partida e guia para todo o presente trabalho.

O que será analisado na fonte é todo relato referente ao da importância do aparato militar na preservação e segurança da soberania do sistema político e social e principalmente, da integridade territorial do império romano. Porque a lenta degradação sofrida pela forças militares ao longo do século V, pode ter sido uma das causas da também lenta e gradativa dissolução do que convencionou-se chamar de Império Romano do Ocidente.

Para corroborar a pesquisa também foi levado em consideração a bibliografia disponível e dentre ela efetuou-se a seleção das que mais se aproximavam do tema e das hipóteses que mais se identificavam com o deste trabalho, que será o do aspecto militar sendo o principal motivo, mas certamente não o único, da desintegração territorial e depois política do império ocidental.

Assim, as hipóteses defendidas por Arther Ferrill², em sua obra que privilegia o fator militar como uma das principais explicações para o

² FERRILL, Arther. *A queda do império romano; a explicação militar*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar editor, 1986.

colapso e desmembramento da organização política do ocidente romano sob a pressão das hordas de invasores estrangeiros, representadas pelas diversas tribos bárbaras que vieram a penetrar, se instalar, dominar e posteriormente formar reinos independentes dentro dos territórios que pertenceram aos romanos por vários séculos.

Para construir o argumento da decadência na capacidade militar romana como fator de ‘perda’ do espaço territorial, para os invasores bárbaros, o contexto histórico da época e da região em questão, deve ser entendido e levado em consideração. Como instrumentos relativos ao contexto histórico, necessário para entender o quadro em que está inserido o período em questão, elegemos alguns autores cujas obras contemplem a especificidade da época em foco.

O contexto político e militar existente no mundo romano que vai do final do século IV até as primeiras décadas do século V, é o que nos dará uma visão das condições prévias que se apresentavam nas instituições, principalmente políticas e militares, quando do início das grandes invasões que levaram ao desfecho da desagregação territorial. Neste período é formada, também, a situação militar que será totalmente inédita na futura organização romana, a presença bárbara. Este espaço de tempo também está contemplado na obra de Ferrill, levantando o contexto político do império como um todo. Ferrill aborda as estratégias de defesa do império e as suas mudanças e adaptações às dificuldades que se apresentam frente aos primeiros impactos das grandes invasões do período de transição entre os séculos IV e V.

Todo o trabalho está também permeado pelos trabalhos dos autores clássicos que aparecem com suas obras mais conhecidas e que se tornaram referências imprescindíveis quando se trata do fim do império romano. Assim, privilegiamos a obra de Ferdinand Lot³ e Edward Gibbons⁴ e para completar uma pequena galeria de referências sobre o baixo-império ocidental temos as obras de Peter Brown⁵, J.B. Bury⁶, A.H.M. Jones⁷, Roger Remondón⁸, também presentes neste trabalho. Todos os autores trabalham o conceito e os fatos relativos ao fim e o declínio do império romano ocidental, apresentando diversos fatores como causas, mas com alguma presença dos feitos militares tanto dos romanos como de seus antagonistas. Como nossa fonte principal inclui a parte mais ocidental do império, a península Ibérica, de forma especial, uma contextualização da região se faz necessária. Mesmo porque a região em questão é a protagonista de um dos mais importantes acontecimentos que demonstram a pouca resistência, por parte das forças armadas romanas, oposta aos grupos invasores do início do século V. Da bibliografia disponível, elegemos alguns especialistas da história peninsular que também realçam o fator militar, ou a sua ausência, como uma das principais causas das invasões bárbaras.

³ LOT, Ferdinand. *O fim do mundo antigo e o princípio da idade média*. Lisboa : Edições 70, 1968.

⁴ GIBBONS, Edward. *Declínio e queda do império romano*. São Paulo : Cia da Letras, 1989. (edição abreviada)

⁵ BROWN, Peter. *O fim do mundo clássico, de Marco Aurélio a Maomé*. Lisboa : Verbo, 1972

⁶ BURY, J.B. *History of the late roman empire*. Londres : s/ed., 1957. 2v.

⁷ JONES, A.H.M. *Le declin du monde antique*, 284-610. Paris : Editions Sirey, 1970.

⁸ REMONDÓN, Roger. *La crisis del imperio romano, de Marco Aurelio a Anastasio*. Barcelona : Labor, 1967

Javier Arce⁹ trata com especial atenção os eventos políticos e militares nas províncias romanas da Hispânia nas primeiras décadas do século V, contextualizando uma época de intensa transição. Juan José Sayas Abengochea e Luis A. Garcia Moreno¹⁰, tratam da presença dos povos bárbaros e as relações com os hispano-romanos no período de transição que ocorreu na Hispânia. J. Orlandis¹¹ apresenta uma contextualização do período da presença mais significativa dos bárbaros visigodos na península Ibérica e seu crescente domínio nos assuntos políticos e militares na região e no próprio império.

Para situar a figura do autor da crônica, a obra de Ramón Teja¹² nos ajuda na contextualização da figura do bispo no mundo romano antigo, levantando os aspectos de sua importância, atuação e construção, principalmente literária, do episcopado do período baixo-imperial, tanto no ocidente como no oriente romano. Todos estes autores foram escolhidos por tratarem o assunto diretamente de fontes primárias referentes a região ocidental do império, assim como a crônica de Idácio, são mais ou menos contemporâneos dos fatos.

Para a fonte, a edição da crônica utilizada é a versão de Julio Campos¹³, uma obra de revisão onde a principal referência está na

⁹ ARCE, Javier. *El ultimo siglo de España romana: 284-409*. Madrid : Alianza Editorial, 1986. & *España entre el mundo antiguo y el mundo medieval*. Madrid : Taurus, 198_.

¹⁰ SAYAS ABENGOCHEA, Juan José & GARCIA MORENO, Luis A. *Romanismo y germanismo, el despertar de los pueblos hispánicos (siglos IV-X)* Madrid : Labor, 1985.

¹¹ ORLANDIS, J. *Historia de España 4 - época visigoda*. Madrid : Gredos, 1983.

¹² TEJA, Ramón. *Emperadores, obispos, monjes y mujeres*. Protagonistas del cristianismo antiguo. Madrid : Editorial Trotta, 1999.

¹³ CAMPOS, Julio. *Cronicon de Idacio, obispo de Chaves (s.IV-V)*. Salamanca : Ediciones Casalancias, 1984.

utilização de vários manuscritos e edições que resultou numa revisão e atualização, onde as discrepâncias existentes entre as várias versões foram anotadas e referenciadas. O autor em questão toma como referência principal para a sua revisão a compilação feita por Theodosius Mommsen em sua *Monumenta Germanae Historia*, e está editada em versão bilíngüe com texto em latim e espanhol. Todas as notas transcritas neste trabalho estarão baseadas no texto espanhol.

Sendo a crônica de Idácio de Chaves, o resultado da obra de um cidadão romano da tradicional aristocracia romana, além de bispo da Igreja Católica, podemos encontrar nela, não só assuntos de ordem religiosa, como seria de se supor para um religioso, mas sua vertente de cidadão romano clássico o fez cobrir toda a gama de assuntos referentes ao mundo romano de sua época. Por isso, pode ser usada como fonte para diversos temas, bastando que façamos o recorte necessário.

A estrutura do trabalho está apresentada em etapas que compreendem como primeira parte a análise e apresentação da fonte e do seu autor como personagem histórico e a inserção da importância da figura episcopal no mundo antigo. A segunda parte tem por objetivo uma contextualização histórica do período imediatamente anterior ao início da crônica e que leva em conta os fatos que determinaram a situação político-militar que está relacionada com a primeira metade do espaço temporal compreendido pela nossa fonte. A terceira parte apresenta e analisa os aspectos políticos e militares que se desenrolam no período de tempo referente às últimas décadas da existência política do império romano ocidental e que também se refere ao segundo espaço temporal da fonte.

2 IDÁCIO, BISPO E CRONISTA

Ao tomar a crônica de um bispo cristão romano, natural de uma província distante do plano central da política e num período de tempo de grande conturbação, tanto política, social, como militar, procuramos entender alguns dos aspectos que contribuíram para formar o quadro que então se desenhava e que teve influência no desenvolvimento posterior do império romano do ocidente e da península Ibérica, em particular.

Foi como cidadão romano e, provavelmente, como membro de uma camada social pertencente à aristocracia, pelo menos a de influência local, que Idácio teve acesso aos quadros da hierarquia eclesiástica de sua região, um fato cada vez mais freqüente nos meios aristocráticos do mundo romano do período¹⁴. Fazer parte dos quadros da Igreja era uma das formas de atuação e elevação, ou até mesmo, de manutenção do *status* social. Este é o caso do nosso cronista, o bispo galaico-romano da cidade de *Aquae Flaviae*, conhecido como Idácio de Chaves.

A trajetória pessoal de Idácio é pouco conhecida, sendo que só apareceu para a história por ser o autor de uma crônica que serve como uma das poucas fontes sobre o período de sua abrangência, final do século IV até meados do século V, e a única sobre a região noroeste da península Ibérica. Sua crônica é uma continuação, em seqüência temporal, estilo e

¹⁴ A aristocracia romana estava usando a carreira eclesiástica para alcançar e manter suas posições sociais e políticas em paralelo ou mesmo em substituição a via militar e administrativa, então em franca decadência no império ocidental. Ver : TEJA, Ramon. *Emperadores, obispos, monjes y mujeres*. Protagonistas del cristianismo antiguo. Madrid : Editorial Trotta, 1999

método da crônica de São Jerônimo¹⁵. Idácio inclui alguns dados em sua crônica que permitem deduzir alguns fatos sobre a sua própria vida.

O local de seu nascimento é declarado pelo próprio autor no prefácio de sua obra, como sendo a cidade de *Lemica* na província da *Gallaecia*.¹⁶ Quanto a data, igualmente é necessário recorrer a crônica e mesmo assim deduzir de uma de suas passagens. Ao relatar ter estado no oriente quando ainda era muito jovem, em 407 d.C., utiliza o termo *infantulus et pupillus*¹⁷, ao referir-se a si próprio, comumente usado para os jovens entre os doze e os catorze anos de idade, nos faz aceitar que seu nascimento possa ter ocorrido por entre os anos 393 e 395 d.C.

Entrou para a vida religiosa por volta dos vinte e dois anos de idade, tornando-se, provavelmente, um monge, maneira freqüentemente adotada no período como forma de se consagrar ao serviço de Deus¹⁸ e conseqüentemente ao da Igreja. Segue a carreira religiosa e alcança o episcopado por volta do ano 427d.C., conforme pode ser deduzido também, no prefácio da crônica¹⁹. Mas não esclarece qual a sede que assumiu, só aparecendo o nome da cidade de *Aquae Flaviae* muito tempo depois, ao

¹⁵ “Hasta aquí se incluye la historia escrita sobre algunas provincias de las Españas por San Jerónimo, por sobrenombre Eusebio, como él mismo declara al principio de este volumen en la primeira prefación.” IDACIO, Obispo de Chaves. *Su Cronicon*. Salamanca : Ed. Casalancias, 1984. Introdução, texto crítico, versão espanhola e comentários por Júlio Campos. Doravante apresentado abreviado como: *Idácio; cron. pref.-[1-4]*. ; “Después de este [Eusébio] el escritor que le sucedió, conecedor de todos los monumentos que conservan los hechos y los dichos, el presbítero Jerónimo, traductor del Griego al Latín de los escritos de aquél, añadió la história desde el año vigésimo del citado emperador [Constantino I] hasta el decimocuarto de Valente Augusto.” *Idácio; cron. pref. 3-[35]*

¹⁶ “Por su parte, Idacio, de la provincia de Gallaecia, nacido em la ciudad de Lemica,...”. *Idácio; cron. pref.1-[14]*. Ver mapas em anexo 3 e 4.

¹⁷ “Mas a este santo y a los santos Eulogio, Teófilo y Jerónimo los vios siendo muy niño y huérfano (infantulus et pupilus)”. *Idácio; cron. a.407-XIII[298]*

¹⁸ “Conversión a Dios de Idacio pecador”. *Idácio; cron. a.416-XXII[317]*

¹⁹ “... nombrado obispo más por gracia divina que por mérito propio para tan alto ofício,...” *Idácio; cron. pref.1-[15]*

relatar ter sido vítima de um seqüestro²⁰, diz ter voltado à sede de seu episcopado em dita cidade após ser solto. Mas entre o ano de sua nomeação e este fato, há um lapso de aproximadamente trinta anos, por isso não é certo que tenha estado todo o tempo como bispo nesta cidade. O que é certo é que morreu neste posto.

A sua morte também não tem datação precisa. Como sua crônica termina no ano de 469 d.C., presume-se que tenha ocorrido após este ano e, segundo Isidoro de Sevilha²¹, antes de 474 d.C., pois menciona o fato de que Idácio tenha morrido durante o reinado do imperador Leão do oriente, que reinou entre 457 e 474 d.C. Com certeza morreu em idade bem avançada e ocupando cargo de bispo da Igreja cristã por mais de quarenta anos. Durante seu tempo de vida, toda uma série de acontecimentos foram testemunhados e relatados por ele. Este foi legado na forma de crônica e é de valiosa ajuda para a história do mundo romano, em particular do ocidental e peninsular. Valiosa fonte de informação das relações entre os hispano-romanos e seus novos vizinhos, os povos bárbaros que se instalaram na península Ibérica a partir do ano de 409 d.C.

²⁰ “Y poco después, inducido por los mismos delatores susodichos, Frumario con una tropa de Suevos que tenía, después de apresar al obispo Idacio el 26 de julio en la iglesia de Aquasflavias asuela con inmensas ruinas el mismo distrito”. *Idácio; a.460-III [1024-1029]*

²¹ CAMPOS, Julio. *Cronicon de Idacio*, obispo de Chaves (s.IV-V). Salamanca : Ediciones Calasancias, 1984. p.12 (*uir. ill.* 9)

2.1 IDÁCIO, HISTORIADOR

Idácio, na redação de sua crônica, mostra-se como um fiel súdito do Império de Roma e bastante simpático à dinastia que então reinava sobre a parte ocidental do Império, a família de Teodósio I. Começa o seu relato justamente no ano da proclamação do fundador desta dinastia como augusto do oriente, que ocorreu alguns anos antes do próprio nascimento do autor da crônica. A data imediatamente anterior a chegada ao poder de Teodósio também é a do término da crônica de Jerônimo, que Idácio pretendeu continuar²².

Idácio preocupa-se durante todo o relato em registrar os fatos ligados à política do Império como um todo. Sejam eles internos ou de ordem externa ao mundo romano²³. As alterações e os caminhos do poder central, as atitudes dos seus mais altos representantes e alguns dos seus feitos, são o objeto de registro do bispo galaico-romano. Também dá um significado bastante relevante para a situação dos vultos eminentes de sua época em relação a organização religiosa cristã. Deixando transparecer ser um católico ardoroso e defensor da fé professada oficialmente pela Igreja e pelo Império Romano. Está entre os que abominam e condenam os desvios de interpretação e de aplicação da fé através das suas muitas variantes e correntes heréticas²⁴.

²² “Teodosio, XXXVIII emperador de los Romanos...” *Idácio; a.378-[61]*

²³ “El rey Gaiserico se pasa... a la África...” *Idácio; a.429 -V[421]* ; “Honorio nombra a Constancio consorcio en el reino.” *Idácio; a.420 -XXVI[362]*

²⁴ “Prisciliano depuesto del episcopado por la herejía y con él el lego Latroniano y algunos partidarios suyos son mortos en Treveris bajo el tirano Máximo.” *Idácio; cron. a.386 -VIII [110-114]*

O bispo de Chaves também relata algumas situações políticas e religiosas específicas da sua região natal, o que lhe confere uma característica toda especial na história. Como membro do clero da província romana da *Gallaecia*, por ser o bispo de uma das suas cidades e como um provável membro da elite aristocrática local, fez observações do desenrolar dos conflitos entre os cidadãos romanos da diocese da Hispânia²⁵ e os grupos não romanos que se instalaram nestas províncias no início do século V. Neste particular o bispo Idácio é um dos únicos, senão o único, a legar-nos notícias que servem de fonte sobre os acontecimentos ocorridos entre os bárbaros vândalos, alanos e em especial os suevos e os cidadãos romanos da península Ibérica, no século V.

Idácio, além de relatar os fatos históricos da sua região, também foi um agente da própria história, o bispo foi personagem nos acontecimentos que envolveram as situações de crise entre romanos e bárbaros. Crise que teve causas tanto políticas como religiosas e envolvendo, inclusive, conflitos armados. Como membro de uma aristocracia e exercendo um cargo eclesiástico que cada vez mais era, nesta época, confundido com a política do governo imperial, sua atuação, no mínimo como mediador, na resolução das fases agudas destas crises, não podem ser totalmente estranhas a sua função. “As vezes, somente a Igreja tem suficiente

²⁵ A Diocese foi uma unidade administrativa implementada pelo imperador Diocleciano (284-305) que aumentou o número e reagrupou as províncias em circunscrições mais amplas que ficaram conhecidas como Dioceses. Estas foram colocadas sob o comando de funcionários chamados vigários (vicarius) ou de vice-prefeitos do pretório. A Hispânia era uma dessas Dioceses composta por seis províncias: Gallaecia, Lusitania, Baetica, Tarraconensis, Carthaginiensis e Mauritania Tingitana. TUÑON DE LARA, Manoel (dir). *Historia de España*. Barcelona : Labor, 1981. p.41-42, 44 Ver mapa do anexo 2.

autoridade para dar ao Estado: Inocência I, negocia com Alarico, Leão, o grande, com Átila e Genserico”²⁶.

A Igreja do século V, vinha preenchendo desde o século anterior os vazios que paulatinamente o governo civil havia deixado, principalmente nos territórios das províncias mais distantes do centro do Império. É o caso de quase todas as províncias peninsulares, especialmente a *Gallaecia*, distante tanto geográfica como politicamente dos centros imperiais do ocidente romano. Mas com a presença da organização eclesiástica, a cidadania romana tentava se impor e sobreviver às adversidades de todos os tipos e origens, tais como religiosas, políticas, econômicas, sociais e militares.

Quanto à Igreja católica, os bispos eram os procuradores das cidades do Mediterrâneo, quando se tratava de suas queixas. As populações urbanas temiam os bárbaros, mas também não gostavam dos soldados. O seu cristianismo era mais fortemente civil do que pacifista²⁷.

2.2 O BISPO NO MUNDO ROMANO

O significado do cargo e da função de um bispo cristão no mundo romano é do nosso interesse para avaliar os métodos e os interesses que um membro da ordem eclesiástica possa ter em relação aos fatos ocorridos.

O mundo greco-romano criou numerosas figuras que foram a enorme riqueza da civilização antiga. Junto ao político, podemos distinguir o sacerdote, o jurista, o filósofo, o reitor, etc. O bispo não é

²⁶ REMONDON, Roger. *La crisis del imperio romano*, de Marco Aurélio a Anastasio. Barcelona : Labor, 1967. p.138

²⁷ BROWN, Peter. *O fim do mundo clássico*, de Marco Aurélio a Maomé. Lisboa : Verbo, 1972. p.131

identificável ou assimilável com qualquer um destes, mas tem um pouco de cada um deles.²⁸

A multifacetação do cargo eclesiástico de bispo²⁹, resulta da trajetória que o próprio cristianismo percorreu no interior do sistema social e político do império romano, desde a sua ascensão como religião protegida pelo Estado.

Do primitivo guia espiritual que era encarregado de assistir às comunidades cristãs como um ‘pai’ até o cargo oficial dentro de uma organização altamente politizada, temos a incorporação dos elementos que o trecho citado acima nos dá conta.

A soma destas figuras é a herança da cultura romana, onde um cidadão tinha uma trajetória pública que deveria passar por uma ou mais destas fases do processo de educação que fariam do cidadão um político capaz para servir à causa pública. Qualidades essas que foram identificadas como úteis também para a formação dos homens que passaram a servir à causa da Igreja.

A influência do bispo na sociedade do império romano tardio obedece a múltiplos fatores. Sem dúvida é consequência da política religiosa dos imperadores cristãos, mas esta influência seria inimaginável se nesta época não houvessem chegado ao episcopado uma longa série de personagens que por seu *estatus* social, sua

²⁸ TEJA, Ramon. *Emperadores, obispos, monjes y mujeres*. Protagonistas del cristianismo antiguo. Madrid : Editorial Trotta, 1999. p.75

²⁹ Bispo, palavra de origem grega que passou para o latim como *episcopus*, -i, que originalmente era a designação de um inspetor de mercados e passou para guarda, protetor, vigia ou visitador (do censo) todas antigas funções administrativas nos governos das cidades. Por extensão, as funções de vigia e visitador denominou o líder espiritual da comunidade cristã em que fazia um tipo de trabalho assemelhado à aquele do ‘epíscopo’ da função pública. PEREIRA, Isidro S. J. *Dicionário grego-português*. Porto : Livraria Apostolado da Imprensa, 1976. p.219 ; GIBBON, Edward. *Declínio e queda do império romano*. São Paulo : Cia das Letras, 1989. (edição abreviada) p.217

riqueza familiar, sua formação cultural estavam destinados a dirigir a sociedade de seu tempo.³⁰

O fenômeno da inserção do bispo como figura de grande influência tem sua valorização quando da oficialização do cristianismo por parte do Estado. A partir de Teodósio I, passa a ser um caminho alternativo de elevação social por parte dos membros da aristocracia imperial³¹, pois a organização eclesiástica cristã era parte do mundo do governo oficial romano. Muitos personagens de origem ilustre preferiram trilhar a carreira eclesiástica para obter as vantagens do sistema social do império³². Foram estas práticas que formataram a figura multifacetada do bispo romano que atua na época do baixo império ocidental e que também está presente no império oriental.

Esta rede de carreiras torna-se uma espécie de espelho da administração do império. Temos importantes clérigos onde o império mantém importantes magistrados. Este tipo de organização pode criar conflitos ou cooperação e em casos de ausência de um magistrado, por exemplo, o eclesiástico pode acumular a função junto à comunidade da sua paróquia. Notadamente no caso ocidental quando das invasões bárbaras que deixaram a administração à beira do caos, os bispos que permaneceram em seus postos tornaram-se os responsáveis pelos cidadãos romanos e pelos seus interesses. Resultado da formação cultural aristocrática que colocava

³⁰ TEJA, op. cit., p.76

³¹ “El llegar a ser obispo se convierte en un ideal y un objetivo altamente apetecido y en una forma de promoción social que compete y supera las posibilidades que ofrecía el *cursus honorum* tradicional”. TEJA, op. cit., p.98

³² “(...) un fenómeno que no puede pasar desapercibido al historiador que pretende analizar la sociedad romana de finales del siglo IV y comienzos de V, es el gran prestigio de que disfrutaban los obispos, non solo entre los cristianos, sino también entre los paganos”. TEJA, op. cit., p.98

os assuntos públicos como parte de sua missão. A organização política administrativa do governo e a organização eclesiástica tinham a mesma origem e almejavam os mesmos fins.

Ao mesmo tempo que o bispo se consolidava como um poder emergente, muitas vezes em contraste com o poder do imperador e de seus funcionários, surgiu entre os próprios bispos a tendência a elaborar um suporte ideológico da figura episcopal onde se definem claramente seu papel e suas competências com respeito a comunidade e os demais poderes políticos.³³

A sobreposição dos aparatos imperiais e eclesiásticos parece ter levado também a um conflito de atribuições e neste aspecto os bispos começaram a organizar as suas atribuições com o propósito de torná-las claras, primeiro para si próprios e depois para a comunidade e para o próprio sistema de governo imperial. Os concílios, tanto os ecumênicos como os regionais, tiveram grande importância nestas orquestrações. Desde o primeiro concílio ecumênico realizado em Nicéia, as normas de conduta e de acesso ao cargo episcopal, e aos demais cargos também, foram sendo codificados e transformados em regras, que se não obedecidas, incorriam em acusação de desobediência ou até enquadrados em alguma forma de heresia.³⁴

³³ TEJA, op. cit., p.76

³⁴ Caso de Prisciliano na Gália, declarado herege e condenado à morte, tinha sido nomeado bispo sem a anuência dos seus superiores, como mandava a regra, entre outras acusações. Seus seguidores foram perseguidos como hereges conhecidos por priscilianistas.(séc. V) Concílio de Toledo, In : CONCÍLIOS visigóticos e hispano romanos. Barcelona : Inst. Enrique Flórez, 1963. Edição dirigida por José Vives. p.19

2.3 A CRÔNICA

Esta obra nos foi legada através de cópias feitas por compiladores medievais. Os originais não mais existem. A versão manuscrita mais completa é a conhecida como Códice B³⁵ (Berolinense Philipps, nº 1829) que contém, além da Crônica de Idácio, as crônicas de Eusébio e Jerônimo. Este Códice é originário do século IX. Existem outros manuscritos relativos a Idácio, que não são tão completos e são como que resumos ou epítomes daquele. São conhecidos como Epítomes H e F.

O manuscrito H é epítome Hispano, também conhecido como Idácio Menor, que é a concordância entre duas outras versões, uma do século XIII e a outra do século XVI³⁶. O manuscrito F é o epítome de Fredegario, original do século XI ou XII³⁷.

Estes manuscritos tiveram várias edições impressas e a mais completa é a que foi compilada e criticada por Theodorus Mommsen em sua M.G.H (Monumenta Germanae Historia)³⁸.

A versão utilizada aqui é uma revisão da obra de Mommsen, feita por Julio CAMPOS, onde são levadas em consideração os vários manuscritos mencionados e também as edições de autores considerados relevantes³⁹. As discrepâncias entre as obras são anotadas e referenciadas aos compiladores e editores.

³⁵ CAMPOS, Julio. *Cronicon de Idacio*, obispo de Chaves (s.IV-V). Salamanca : Ediciones Calasancias, 1984. p.26

³⁶ CAMPOS, op. cit., p.27

³⁷ CAMPOS, op. cit., p.28

³⁸ CAMPOS, op. cit., p.31

³⁹ CAMPOS, op. cit., p.31

Mas para a análise do conteúdo e dos pontos de vista relativos ao objeto que será privilegiado neste trabalho, as discrepâncias não são tão relevantes. Estas são, na sua maioria, de ordem filológica e detalhes técnicos quanto a cronologia. Campos apresenta a sua edição no formato bilíngüe, o texto original em latim e uma tradução, ao lado do latim, para o espanhol moderno.

A crônica de Idácio é uma fonte que permite analisar vários aspectos da vida romana do século V d.C. Aspectos únicos como a vida nas regiões ocupadas por bárbaros, aonde a população romana tenta sobreviver em meio a muitas dificuldades impostas pelo difícil relacionamento com estes novos povos. O estilo cronístico adotado por Idácio é uma continuação de um estilo criado pelos autores cristãos, onde são relatados em forma cronológica, a título de exaltação, de aviso e de incentivo, os feitos e fatos relacionados com a vida cotidiana e social do mundo cristão descrevendo seus problemas e enfrentamentos⁴⁰. Idácio mantém esta tradição na maneira de escrever e também leva em conta as obras de seus antecessores. O próprio autor declara, no prefácio de sua obra, que o que pretende fazer é uma continuação⁴¹, em linha temporal, de dois outros homens e eclesiásticos, como ele próprio; Eusébio e Jerônimo. Idácio, muito provavelmente possuía ou teve acesso a um exemplar da Crônica de Jerônimo que por sua vez já era uma continuação da Crônica de Eusébio de

⁴⁰ Para uma questão aprofundada do estilo, forma e conteúdo das crônicas cristãs ver: CODÓNER, Carmen. *Sulpicio Severo, Obras completas*. Estudio preliminar, traducción e notas. Barcelona : Tecnos, 1984. p.XLI-LIV

⁴¹ *Idácio; cron. pref. 1-3[10-34]*

Cesaréia, a qual traduziu do grego e a continuou até o ano de 378⁴², de onde Idácio seguiu com a sua, isto é do ano 379 até 469 d.C.

A crônica é um estilo literário onde a história é contada obedecendo a ordem do tempo. No caso de Idácio, ele divide a sua narrativa em períodos de tempo anuais, obedecendo uma cronologia que contém várias formas de contar o tempo. Utiliza a datação pelo anos dos imperadores, como era costume entre os romanos, o que mostra a sua forte vinculação com a tradição de cidadão romano, apesar de viver em uma época e região onde seria de se esperar utilizasse o calendário com os anos de reinado dos reis locais. Para reforçar o aspecto temporal, Idácio, utiliza-se de outros três métodos de datação. Os anos de Abraão, que era um costume cristão de contagem do tempo que considerava como o ponto de partida da criação do mundo. Os anos olímpicos também são utilizados, o que mostra a sua herança greco-romana, mesmo que as olimpíadas tivessem sido proibidas a partir do édito que oficializou o cristianismo no império romano. E, é claro, como um cristão devoto, o calendário contando os anos a partir de Cristo também aparece, este sendo, com pequenas adaptações, o mesmo que usamos até hoje.

Suas fontes de informações para a redação da Crônica, também estão mencionadas, novamente pelo próprio Idácio em seu prefácio, que tem uma divisão entre antes de se tornar bispo e depois. Isto é, as informações sobre os fatos ocorridos antes de ter acesso ao cargo de bispo, ele as conseguiu

⁴² “Después de este [Eusébio] el escritor que le sucedió, conecedor de todos los monumentos que conservan los hechos y los dichos, el presbítero Jerónimo, traductor del Griego al Latín de los escritos de aquél, añadió la historia desde el año vigésimo del citado emperador [Constantino I] hasta el decimocuarto de Valente Augusto.” *Idácio; cron. pref. 3[35]*

através dos escritos e documentos de outros autores contemporâneos e de informações orais apresentadas direta ou indiretamente a ele. Depois de se tornar bispo, teve acesso também aos documentos que sua condição permitia, tais como as cartas oficiais e pessoais, atas conciliares, decretos e ainda das fontes orais dos seus contemporâneos. E também os fatos que ele próprio protagonizou em sua vida de eclesiástico na região de sua sede episcopal.⁴³

Estas informações foram redigidas por livre escolha do autor e abrange toda forma de fatos que chegou ao conhecimento do bispo e que ele considerou importante ou marcante para ser mencionado no ano em que ocorreu ou que ele tomou conhecimento que ocorreu. Os temas são muito abrangentes e não têm conotação exclusivamente religiosa, mas de todo o contexto da sociedade romana. Inclui fatos relativos a sociedade, a economia, a política, fenômenos astronômicos e supersticiosos, assim como os fatos religiosos e os de cunho militar do seu tempo.

Por isso, a crônica de Idácio de Chaves é uma obra que possibilita a extração de vários temas para a história do baixo império ocidental romano, não só os mencionados ou o que será privilegiados neste trabalho.

⁴³ *Idácio; cron. pref.5[42]*

3 O MUNDO ROMANO NA VIRADA DO SÉCULO IV PARA O V

No dia seguinte à batalha de Adrianópolis, que Amiano Marcelino compara com a de “Cannas” e com a qual encerra sua *Historia*, o império tem que enfrentar dificuldades de diversas naturezas, não todas de mesma gravidade e cujas soluções são também desigualmente urgentes ou fáceis. São essencialmente a luta contra seus inimigos (os persas, os bárbaros, em particular, os godos) os assuntos religiosos (paganismo, cismas e heresias) o problema do patronato em seus aspectos múltiplos, políticos, econômicos e sociais. Também são diferentes no ocidente e no oriente as condições às quais estes problemas aparecem e podem solucionar-se.⁴⁴

A batalha de Adrianópolis⁴⁵ a que se refere Amiano Marcelino,⁴⁶ foi um embate entre as tropas do exército imperial romano do oriente sob o comando do próprio imperador, Valente⁴⁷, contra os visigodos, uma tribo goda, que havia se instalado no território do império⁴⁸ e estavam causando prejuízos com as suas incursões e saques na região da Trácia, uma das províncias orientais do império, a nordeste da atual Grécia. O resultado do embate foi trágico para os romanos que perderam a batalha e mais grave, um grande contingente de soldados e oficiais treinados, que seriam de difícil substituição em curto prazo. E entre os mortos estava o próprio

⁴⁴ REMONDON, op. cit., p.108

⁴⁵ Batalha de Adrianópolis ficou assim conhecida por ter sido travada próximo à cidade do mesmo nome (hoje Edirne, na Turquia) em agosto do ano de 378 d.C.

⁴⁶ Amiano Marcelino foi um historiador e soldado romano que viveu entre os séculos IV e V. FONTAINE, J. *Unité et diversité du mélange des genres et des tons chez quelques écrivains latins de la fin du IV siècle*: Ausore, Ambroise, Ammien. In : CHRISTIANISME et formes littéraires de l’Antiquité tardive en occident, Geneve, 1976, p.425-472

⁴⁷ Valente era o imperador exercendo o governo na parte oriental do império entre 364-378 d.C. (Orósio, Hist. Adv. Pag., VII, 33). RODRÍGUEZ ALONSO, C. *Las historias de los godos, vándalos y suevos de Isidoro de Sevilla*. Estudio, edición crítica y traducción. León, 1975

⁴⁸, Estavam fugindo do avanço dos hunos que os haviam encurralado no outro lado da fronteira do império, atravessaram-na e pediram asilo ao governo romano sendo inicialmente alocados na Trácia, província romana situada na atual Bulgária. Para maiores informações sobre os movimentos dos godos, hunos e outros povos, ver, entre muitas obras existentes, por exemplo: MUSSET, Lucien. *Las invasiones*; las oleadas germánicas. Barcelona : Labor, 1967; GIBBONS, Edward. *Declínio e queda do império romano*. São Paulo : Cia das Letras, 1989. (edição abreviada).

imperador, o que causou graves conseqüências no moral e na capacidade de combatividade dos sobreviventes⁴⁹.

Então recaiu sobre o imperador que governava a parte ocidental⁵⁰, Graciano⁵¹, a dura tarefa de escolher um substituto para o cargo vago de imperador do oriente. A escolha deveria levar em consideração um candidato que tivesse as qualidades necessárias para enfrentar os problemas deixados com a morte de Valente, entre os quais estavam os que são mencionados no texto de Remondon citado acima.

A escolha recaiu sobre um militar de uma família cristã oriunda da Hispânia, Teodósio, que era filho de outro militar renomado, de mesmo nome, que caiu em desgraça e foi mandado executar⁵², em 376, por ordem do próprio imperador Graciano, que agora nomeia o filho deste general condenado, para cargo de imperador do oriente e, conseqüentemente, seu colega de governo no império. O novo imperador, Teodósio, que passou para a historiografia como Teodósio I, o grande, tinha sido *dux*, isto é, comandante militar, na Mésia I (atual Sérvia) e chefe da cavalaria. Em

⁴⁹ “... devastan Tracia a sangre y fuego, tras aniquilar el ejército romano, prenden fuego el propio Valente, cuando, herido por un dardo, huía hacia una casa de campo...” (Isidoro, Historia Gotorum, 9) RODRÍGUEZ ALONSO, op. cit.

⁵⁰ Desde o século III d.C., no reinado de Diocleciano (284-305), foi instituída uma forma de governar o extenso território, dividindo-o entre ocidente e oriente e colocando-o sob o comando de dois imperadores (Augustos) e dois vice-imperadores (Césares) compartilhando as responsabilidades de governo, segurança e administração, mas mantendo vínculos mútuos de colaboração. O costume foi mantido com algumas modificações e interrupções, quando alguns imperadores assumiram sozinhos o governo, mas após o ano de 395, a unidade foi rompida e as duas partes tornaram-se definitivamente em duas unidades independentes.

⁵¹ Graciano era o imperador exercendo o governo na parte ocidental do império entre 375-383 d.C.

⁵² Sobre os motivos da condenação e execução do pai de Teodósio ver, LOT, Ferdinand. *O fim do mundo antigo e o princípio da idade média*. Lisboa : Edições 70, 1968. p.173

janeiro de 379, é proclamado Augusto (título do imperador) para a parte oriental e entra em Constantinopla, sua capital, em 380.⁵³

Teodósio adotou como política frente aos visigodos, uma estratégia de apaziguamento e aliança⁵⁴. O imperador tinha duas tarefas imensas e urgentes pela frente; reerguer o exército e manter os visigodos, que derrotaram o exército do imperador Valente, sob controle. Teodósio sabia que a expulsão ou aniquilação dos visigodos tornara-se impossível, pois as perdas sofridas nas fileiras do exército oriental foram muito pesadas e os visigodos eram guerreiros de grande valor. Como solução imediata, Teodósio, então adotou a política de oferecer aos visigodos o estatuto de federados, aliados, através de um pacto onde os godos receberiam suprimentos e a permissão para instalarem-se na província da Mésia, em troca o imperador teria a colaboração dos godos, principalmente no que diz respeito ao fornecimento de homens para o exército imperial.

Esta atitude criou um precedente que, com o passar de alguns anos, constituiu-se num perigo latente⁵⁵, mas a necessidade de força militar eficaz, e os bárbaros eram tidos como excelentes guerreiros, fez com que Teodósio lançasse mão do que tinha a sua disposição. Pois a recuperação do poderio do exército que foi desbaratado em Adrianópolis não era uma tarefa fácil e nem poderia ser realizada de um dia para outro. Reestruturar, treinar e manter um novo e poderoso exército é tarefa de gerações. Para

⁵³ *Idácio; cron. a.380 -II [70]*

⁵⁴ REMONDON, op. cit., p.110 ; FERRILL, Arther. *A queda do império romano*, a explicação militar. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1986. p.62

⁵⁵ A presença de contingentes não romanos no exército, pode ter levado a uma diminuição da eficiência da organização militar, no que diz respeito à disciplina e na disposição tática que eram os pontos fortes do exército romano. O assunto é bem apresentado no trabalho de FERRILL, op. cit.

Teodósio a única solução foi manter a paz através de concessões aos bárbaros, particularmente os visigodos, e poder utilizar os seus efetivos contra outras ameaças, tanto internas, como os usurpadores que se instalaram no ocidente⁵⁶, e externas, como outros povos bárbaros que tentavam penetrar no território do império⁵⁷.

Os visigodos deveriam fornecer soldados e ajuda militar ao imperador sempre que necessário⁵⁸. Deste momento em diante, a presença de bárbaros como soldados a serviço ou no próprio exército romano, torna-se uma constante. Tanto que não é mais possível manter as legiões sem a sua presença.

Esta política de assimilação dos bárbaros foi levada adiante mesmo após a morte de Teodósio, principalmente por Estilício⁵⁹. Mas não foi sem oposição que esta estratégia foi recebida, muitos setores da sociedade romana viram nisso uma fraqueza e um perigo muito grande para a integridade dos romanos. Isto deve-se ao fato de que os cidadãos romanos teriam que conviver com guerreiros armados e que não estavam totalmente

⁵⁶ Após a morte de Graciano em 383, o poder foi tomado pelo conde da Britânia, Máximo, que permaneceu como um usurpador no governo do ocidente até que Teodósio conseguiu removê-lo em 388. “El tirano Máximo es muerto por Teodosio a tres millas de Auileya el 27 de Julio; el mismo día y el mismo año es eliminado en la Galia por el conde Arvogaste un hijo de Máximo por nombre Víctor”. *Idácio, cron.; a.388-X [120]*

⁵⁷ Tais como os alamanos, os burgúndios, os francos, alanos, suevos... REMONDON, op. cit., p.133

⁵⁸ Sobre as estratégias de defesa e organização militar e algumas possíveis consequências no campo político e militar ver, FERRILL, op. cit., entre outras obras.

⁵⁹ Estilício era filho de um vândalo que lutou por Roma ao lado do imperador Valente e de uma romana que nada se sabe sobre ela. Chama a atenção de Teodósio ainda jovem (380) quando foi mandado como embaixador para a Pérsia, onde negociou um acordo de paz. Casou-se com a sobrinha e filha adotiva do imperador Teodósio. Foi Conde dos Estábulos Sagrados (*Comes Sacri Stabili*) que supria a cavalaria do exército. Entre 385 e 392, tornou-se Conde dos Assuntos Internos (*Comes Domesticorum*) que era a guarda pessoal do imperador. Toma parte em diversas campanhas junto com Teodósio e em 392, foi nomeado *Magister Utriusque Militae*, comandante de todo o exército para a Trácia. Posteriormente tornou-se o comandante de todo o exército do ocidente, condição que manteve junto com a regência e a de conselheiro do imperador do ocidente, Honório, até a sua morte em 408. FERRILL, op., cit., p.79-80.

submetidos às leis romanas. Parte do acordo era que os godos preservariam suas armas e autonomia quanto aos seus costumes e tradições. Isto assustou o cidadão comum que no império andava desarmado⁶⁰.

A prática de incorporar os efetivos bárbaros ao exército tornou-se muito comum daí para frente, como já frisado, tanto que alguns bárbaros chegaram aos mais altos cargos na organização militar romana. Este é o caso do próprio Estilicão, de origem vândala, que alcançou o cargo de *magister utriusque militiae*⁶¹ e sua ascensão foi tanta que chegou a casar com a sobrinha do imperador Teodósio.

Estas guerras contra os godos⁶² que atacaram o imperador Valente, fizeram com que fosse encaminhado o acordo que Teodósio I firmou com os visigodos⁶³.

Teodósio consegue manter os tradicionais inimigos de Roma, os persas, que também estavam sofrendo com as migrações dos povos que vinham do oriente, afastados das fronteiras romanas através da diplomacia que resultou num tratado de paz que teve uma longa duração⁶⁴.

O fato da usurpação por parte de Máximo, que fora o assassino de Graciano e tomara o trono imperial do ocidente, só é citado por Idácio porque foi o responsável pela execução de Prisciliano e alguns de seus

⁶⁰ FERRILL, op. cit., p.62

⁶¹ Literalmente ‘mestre de ambas as milícias’, isto é: o comandante geral das forças tanto a pé (infantaria) como a cavalo (cavalaria) do exército romano.

⁶² “Entre los Romanos y los Godos se traban muchos combates.” *Idácio; cron. a.379 -I[68]*

⁶³ “Los Godos se entregan a los Romanos con un pacto de paz desleal.” *Idácio; cron. a.382 -III[81]*

⁶⁴ “Llegan a Constantinopla, al emperador Teodosio, embajadores de los Persas.” *Idácio; cron. a.384 -VI[92]*

seguidores⁶⁵ e não porque foi tolerado por Teodósio por estar ocupado com as diversas tribos bárbaras⁶⁶ que invadiam o oriente do império. Mas mesmo assim, Máximo é tratado como tirano, ou seja, usurpador.

Assim que pôde, Teodósio enviou seu general, o conde Arbogaste para combater e eliminar o usurpador do ocidente⁶⁷. Com a vitória sobre o usurpador, Valentiniano II, pode assumir o império ocidental como o legítimo imperador, com a anuência de Teodósio. Mas o próprio general que deveria protegê-lo destituiu-o e colocou em seu lugar Eugênio, que se constituiu no imperador ocidental e Arbogaste ficou como o general chefe do exército⁶⁸. Para enfrentá-lo, Teodósio com o rei visigodo como seu aliado e com a ajuda de suas tropas reforçando o exército imperial, combateu os usurpadores ocidentais, na batalha conhecida como a do rio Frígido⁶⁹, onde a participação dos visigodos foi decisiva e com isso o império passou para o governo de Teodósio de maneira unificada⁷⁰.

Esta batalha contra o exército de Eugênio foi vencida graças ao uso estratégico de que Teodósio fez das seus novos aliados. Deixou que eles fizessem o primeiro embate contra o exército ocidental e assim causou um grande desgaste em seus oponentes e manteve o exército oriental intacto

⁶⁵ “Prisciliano depuesto del episcopado por la herejia dicha arriba y con él el lego Latroniano y algunos partidarios suyos son muertos en Treveris bajo el tirano Máximo.” *Idácio; cron. a.386 -VIII[110-114]*

⁶⁶ “La nación de los Greotings es vencida por Teodosio.” *Idácio; cron. a.386 -VIII[108]*

⁶⁷ “El tirano Máximo es muerto por Teodosio a tres millas de Auileya el 27 de Julio” *Idácio; cron. a.388 -X[120]*

⁶⁸ “Valentiniano el joven es asesinado en Viena por el crimen del conde Arvagasto, y se constituye en tirano Eugenio”. *Idácio; cron. a.392 -XIII[134]*

⁶⁹ FERRILL, op. cit., p.64-67

⁷⁰ “Eugenio, vencido por Teodosio Augusto, es muerto”. *Idácio; cron. a.394 -XVI[138]*

para a fase final. Os visigodos sofreram pesadas baixas, mas a vitória e a glória ficou com o imperador.

Alguns meses depois o imperador que conseguiu reunificar o império, morre em Milão⁷¹ e seus filhos o sucedem⁷² com a tarefa de manter a obra de seu pai, mas o futuro mostrou que, pelo menos territorialmente, a tarefa não foi cumprida em sua totalidade.

Outro ponto que marca, e este profundamente, o governo do imperador Teodósio I, é a consolidação do cristianismo promovida por ele⁷³. A característica da política de Teodósio é uma continuação da obra iniciada pelo imperador Constantino I⁷⁴. Constantino começa a privilegiar a religião cristã no início do século IV. Ele a transformou de uma seita perseguida em uma seita protegida pelo governo imperial⁷⁵. Teodósio termina a obra tornando o cristianismo a religião oficial do império romano. Este fato foi oficializado com o edito de Tessalônica no ano de 380 d.C.

Todos nossos povos ... devem aderir à fé transmitida aos romanos pelo apóstolo Pedro, a que professam o pontífice Damásio e o bispo Pedro de Alexandria ... ou seja, de acordo com o ensinamento apostólico e a doutrina evangélica, a Divindade única e a Santa Trindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Unicamente os que observam esta lei têm o direito ao título de cristãos católicos. Quanto aos demais, estes insensatos e extravagantes, são heréticos e fulminados pela infâmia, seus locais de reunião não têm direito de

⁷¹ “Teodosio, debido a la enfermedad de hidropesía, muere en Milán en el año XVII de su reinado.” *Idácio; cron. a.395 -XVII[140]*

⁷² “Emperador XL Arcadio y Honorio, hijos de Teodosio, muerto el padre, reinan durante XXX años.” *Idácio; cron. a.395 -I[150]*

⁷³ PIERRARD, Pierre. *História da igreja*. São Paulo : Ed. Paulinas, 1982. p.42-44 ; GIBBON, op. cit., p.391

⁷⁴ Sobre a política religiosa de Constantino (307-337) e de Roma ver; LOT, op. cit., cap. III, p.24ss ; BROWN, op. cit., cap. II, p.51ss.

⁷⁵ Isto ficou estabelecido pelo Édito de Milão de 313 d.C. GIBBON, op. cit., cap. X, p.279ss ; LOT, op. cit., p.25

levar o nome de igrejas, serão submetidos primeiro à vingança de Deus e depois a nossa ...⁷⁶

Até este momento os antecessores de Teodósio tinham aderido a uma determinada religião ou seita e a favoreceram de uma maneira ou outra. Mas continuaram mantendo uma tolerância para com as demais formas de expressão religiosa existentes no território imperial, deixando-as existir, como era da tradição romana⁷⁷. Mas Teodósio destruiu o pouco que restava desta tolerância, estabelecendo uma religião de Estado obrigatória para todos, “todos nossos povos... devem aderir à fé professada pelo apóstolo Pedro(...)”⁷⁸. E esta obrigatoriedade não foi para qualquer uma das formas em que o cristianismo se apresentava na época, mas uma fórmula específica é anunciada em seu edito, ou seja, aquela professada pelos bispos reunidos no primeiro Concílio Ecumênico de Nicéia⁷⁹, e reafirmado no seguinte, em Constantinopla⁸⁰.

Decidindo que esta fórmula era a única correta, Teodósio destina ao clero e às autoridades as bases legais que lhes dão o poder de excluir através de proibições e sanções legais a todas as demais crenças, podendo ser tanto o paganismo como outras formas da doutrina cristã.

⁷⁶ Código Teodosiano, 16, I, 2. In : RÉMONDON, op. cit., p.112.

⁷⁷ Haviam muitos habitantes que ainda professavam as várias antigas religiões de Roma. GIBBON, op. cit., p.313

⁷⁸ Código Teodosiano, 16, I, 2. REMONDON, op. cit., p.112.

⁷⁹ Primeiro concílio ecumênico cristão, realizado por ordem do imperador Constantino em 325, na cidade de Nicéia. Os bispos ali reunidos lançaram as bases do que seria conhecido como o credo niceno com os dogmas que deveriam ser seguidos pelos cristãos. ALBERIGO, Giuseppe (org.). *História dos concílios ecumênicos*. São Paulo : Paulus, 1995.

⁸⁰ Segundo concílio ecumênico cristão. Reafirma as bases do concílio anterior e condena todas as demais formas de interpretação herética dos dogmas da cristandade. Foi realizado em 381. ALBERIGO, op. cit.

Deste ato em diante os conflitos religiosos no interior do império romano assumem os aspectos que estarão presentes também nos problemas de ordem política, social e até econômicos⁸¹. Terão influência nas relações entre os romanos e também nos problemas causados com as invasões germânicas ocorridas durante o governo de Teodósio e também de seus sucessores⁸². Estes conflitos religiosos perduram até mesmo após o fim da existência política do império romano do ocidente, sendo uma das persistências legadas aos novos reinos que herdaram os territórios de Roma⁸³.

3.1 INVASÕES BÁRBARAS

Os godos não foram os únicos que sofreram as conseqüências das migrações forçadas que os levaram a terem que entrar no território do império entre o final do século IV e o início do século V⁸⁴.

Foi uma época de grandes movimentos de povos, que em ondas se deslocaram desde as partes mais orientais da Ásia e do nordeste da Europa até as fronteiras do império romano.

Esta grande onda invasora sobre o império romano está refletida em dois marcos históricos ocorridos um no final do século IV e outro no início do V. O primeiro foi a já mencionada batalha de Adrianópolis em 378. Este

⁸¹ Confusão entre o governo civil e o eclesiástico, com bispos influenciando sobre a política e vice-versa.

⁸² Os povos invasores eram pagãos, na sua maioria, e os que eram cristãos, seguiam a forma considerada herética do arianismo, como, por exemplo, os visigodos.

⁸³ Conflito entre arianos e católicos no reino visigodo e entre os visigodos e os francos, por exemplo. Para esta questão ver: FRIGHETTO, Renan. *Cultura e poder na antigüidade tardia ocidental*. Curitiba : Juruá, 2000. p.57-59

⁸⁴ Vide: FRIGHETTO, op. cit., p.48-49.

episódio tornou a presença dos godos no território do império uma realidade irreversível. O segundo foi o rompimento da fronteira no Reno no final do ano de 406, por suevos, alanos, burgúndios e vândalos, tribos que mais tarde, exceto os burgúndios, viriam a se instalar, também, na diocese da Hispânia⁸⁵. Estes povos, vão interferir, em um prazo de tempo mais ou menos curto, diretamente na vida da península Ibérica e do império ocidental em geral.

As influências das invasões dos povos bárbaros sobre a realidade concreta do século V, é uma nova variável na análise sobre os tipos de relações sociais, políticas e militares existentes no início do século V, e como influenciavam também o governo imperial. As invasões dos chamados povos bárbaros, as modificações nas relações sociais e nas estruturas administrativas e políticas do antigo império, formam o cenário que serve de fundo para a história imperial durante o século V, diante destas novas realidades favorecidas e protagonizadas, em grande parte, pela presença dos invasores bárbaros.

Para a análise das causas imediatas desta grande invasão é preciso observar o que estava ocorrendo no mundo germânico de além fronteiras imperiais. Após um longo caminho migratório percorrido desde o norte da Europa, no Báltico, até a Europa centro-oriental, os povos góticos estavam, desde o ano de 230 d.C., assentados ao norte do mar Negro. Influenciados por povos nômades da região, adotaram algumas tradições destes. Nesta região fundaram dois poderosos reinos, o dos Ostrogodos e o dos

⁸⁵ SAYAS ABENGOCHEA, Juan José & GARCIA MORENO, Luis A. *Romanismo y germanismo, el despertar de los pueblos hispánicos (siglos IV-X)*. Madrid : Labor, 1985. p.248. Para ver os deslocamentos destes povos no território imperial, ver mapa do anexo 1.

Visigodos. Ali, ao longo do século IV, sofreram a influência da civilização de Roma, principalmente a oriental, de onde chegou-lhes inclusive o cristianismo, mas em sua versão ariana. Provavelmente este fato deve ter-lhes dado mais coesão e personalidade cultural. Mas tudo desmoronou quando o principal destes reinos (o dos ostrogodos) foi derrotado em 375, pelos recém chegados da estepe da Ásia central, os Hunos. “Da derrota e morte do rei ostrogodo, um pânico indescritível iria apoderar-se de toda a população goda”⁸⁶. Como resultado deste pânico uma parte muito significativa dos godos, composta essencialmente da facção dos visigodos, pediu e obteve do governo imperial romano, permissão para entrar no território de Roma e foi assentada na região da Trácia⁸⁷. Os demais estabeleceram-se, num momento imediato, nos Cárpatos e na Moldávia sob a tutela dos próprios hunos. A derrota destes godos gerou uma seqüência de efeito dominó que acabou deslocando vários outros povos de seus lugares de origem e alguns deles acabaram por atravessar os pontos menos guarnecidos das fronteiras romanas como única saída de sobrevivência.

3.1.1 Invasões bárbaras no Ocidente

A fronteira mais oriental do ocidente que era delimitada pelo rio Reno, encontrava-se sob uma crescente e constante pressão por parte dos povos germânicos no início do século V. O movimento dos hunos só fez piorar esta situação. Esta linha fronteira de defesa encontrava-se muito debilitada no início deste século, pelas contínuas agitações internas do

⁸⁶ SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, op. cit., p.249

⁸⁷ SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, op. cit., p.249

império. A oposição interna à política do governo, usurpações na prefeitura da Gália, tudo somado, permitiu uma grande ruptura desta linha de defesa fronteiriça no final do ano de 406⁸⁸. Isto determinou uma ‘inundação’, por um vasto e heterogêneo conglomerado de povos, da diocese da Gália. Dentre estes povos destacavam-se os vândalos, os suevos e os alanos, os mesmos que conseguiram, por circunstâncias que veremos, alcançar a Hispânia e a invadiram a partir do ano de 409⁸⁹.

A situação neste momento, na parte norte da Península Ibérica, devia ser bastante crítica. Pois, Idácio, como referência às condições reinantes na época imediatamente anterior à mencionada penetração germânica, afirma que o país encontrava-se já muito empobrecido e agitado devido às brutais execrações do fisco⁹⁰, sem dúvida um dos males endêmicos do baixo império, que se via agora aumentado pela anarquia destes primeiros anos do século V, e o acréscimo das necessidades militares e aos desmandos das tropas imperiais lá estacionadas. Idácio está observando com particular preferência a província da Gallaecia. Tal afirmação não era um conjunto de tópicos de mera retórica, é o que parece demonstrar um decreto imperial, dirigido ao prefeito do pretório da Gália, com o intuito de impedir os abusos de toda ordem cometidos pelo vigário da diocese da Hispânia e seus agentes, todos encarregados das questões relacionadas com a arrecadação.⁹¹

⁸⁸ ORLANDIS, J. *Historia de España 4*, época visigoda. Madrid : Gredos, 1983. p.23

⁸⁹ “Alanos, Vândalos y Suevos entraron en las Españas en la era 447; unos lo ponen en el día 28, otros el 12 de octubre, martes, en el añ VIII del consulado de Honorio, y el III de Teodosio, hijo de Arcadio.” *Idácio; cron. a.409-XV [206-211]*

⁹⁰ “Con el desenfreno devastador de los Bárbaros por las Españas y mientras se ensañan a la vez el mal de la peste, el tiránico recaudador y va arrebatando las riquezas y bienes guardados en las ciudades, y los soldados las agotan;” *Idácio; cron. a.410-XVI[223-227]*

⁹¹ SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, op. cit., p.250.

Em segundo lugar, a região norte da península Ibérica encontrava-se submetida neste mesmo ano de 409, aos desmandos cometidos pelas tropas compostas de federados germânicos vindos com um César usurpador⁹², que neste período estava invadindo a província. A ação devastadora destes germânicos deve ter sido particularmente intensa, numa zona onde existiam muitas *villae* de muito luxo e riquezas, em sua maioria propriedade de parentes ou partidários da família de Honório. E mais, na opinião de Paulo Orósio, haviam sido estas mesmas tropas federadas⁹³ as que, colocados para vigiar os passos ocidentais dos Pirineus, haviam faltado ao seu dever facilitando em grande medida a entrada dos bandos de suevos, vândalos e alanos.

A situação que se produziu neste momento na península Ibérica deve ter sido muito confusa. A falta de forças de defesa romanas organizadas⁹⁴, como conseqüência das usurpações de militares na Gália, e de tropas rebeladas na Hispânia, facilitou em muito os saques destes grupos invasores. Não se descarta a possibilidade de que pudessem, de algum modo, terem sido utilizados por algum dos usurpadores para proveito próprio⁹⁵. Ainda que com um excesso de retórica e evidente exagero, pode ser muito revelador da situação então reinante em grande parte da península

⁹² Ver texto no item 3.2

⁹³ (Orósio, VII,40,9) ARCE, Javier. *El último siglo de la España romana: 248-409*. Madrid : Alianza, 1986. p.159

⁹⁴ “La falta de cualquier referencia a las unidades romanas acantonadas en la Península, que figuran en la *Notitia Dignitatum*, parece una confirmación de la escasa consistencia real que seguramente tenían entonces esas pretendidas legiones y cohortes”. ORLANDIS, op. cit., p.23

⁹⁵ ARCE, Javier. *España entre el mundo antiguo y el mundo medieval*. Madrid : Taurus, 198_. p.109, 113-114

e os efeitos desmoralizantes sobre boa parte da aristocracia senatorial, o seguinte quadro pintado por Idácio:

Os bárbaros que haviam entrado na Hispânia, devastam e assassinam na qualidade de inimigos. A peste, por sua vez, cumpre não menos ativamente o seu papel devastador. Com o desenfreio devastador dos Bárbaros e também o encarniçamento do mal da peste pelas províncias da Hispânia, o tirânico arrecadador vai arrebatando as riquezas e bens guardados nas cidades e os soldados os esgotam; espalha-se fome cruel, ao extremo dos homens comerem a carne humana obrigados pela fome, inclusive mães comem os corpos de seus filhos mortos ou cozidos por elas. Os animais acostumados aos cadáveres dos mortos pela espada, fome ou a peste, acabam com os homens mais fortes e saciados com as suas carnes se lançam à destruição da raça humana. E assim com as quatro pragas, da espada, da fome, da peste e das feras, que se alastram por todo o mundo, cumprem-se as profecias anunciadas pelo Senhor por meio de seus profetas.⁹⁶

O mesmo Idácio nos informa de que após dois anos da entrada dos vândalos, suevos e alanos na península, eles chegaram a um acordo de cessar suas correrias e assentaram-se de uma forma mais estável em certas áreas. Ao que parece, tal decisão foi tomada de forma conjunta, procedendo a um sorteio das áreas entre si.

Diante dos transtornos das províncias da Hispânia devido as invasões destas citadas pragas, os bárbaros se mobilizam em estabelecer a paz pela misericórdia do Senhor, distribuem pela sorte as regiões das províncias para ali assentarem-se. Os Vândalos ocupam a Galícia e os Suevos a parte situada no extremo ocidental do mar oceano. Os Alanos ocupam a Lusitânia e a Cartaginense e os Vândalos, denominados Silingos, ficam com a Bética. Os Hispânicos que restaram das pragas, permaneceram espalhados pelas cidades e ópidos, submetem-se como escravos aos bárbaros que dominam as províncias.⁹⁷

⁹⁶ *Idácio; cron. a.410 - XVI [220-240]*

⁹⁷ *Idácio; cron. a.411 - XVII [241-253]*

A população de origem hispano-romana, ao que parece, permaneceu nas cidades que tinham sistema de defesa que os invasores não eram capazes de superar. Nesta época as cidades de maior porte possuíam algum tipo de fortificação e os ópidos, citados por Idácio, são aldeias com função defensiva, isto é, pequenos fortes que são habitados ou usados em época de emergência. Os invasores ficaram com algumas cidades e principalmente com as terras que as circundavam, fazendo com que os seus habitantes ficassem sob seu controle, a isso Idácio refere-se por “submeter-se como escravos”. De certa maneira, isto era verdade, pois as cidades poderiam resistir à entrada dos bárbaros, mas não para sempre.

Quanto à questão do número de pessoas que teriam invadido a península Ibérica nesta época, e que resulta em significativa importância para analisar os seus efeitos na região, é objeto de debate entre os especialistas e historiadores, mas a cifra mais provável gira em torno de duzentas mil pessoas. Ainda que todos os números apresentados, inclusive este, não passem de aproximações e hipóteses, ele é um total, ou seja, contando as mulheres e as crianças. Isto não daria mais do que uns cinquenta mil combatentes. O total dos invasores não representaria, então, nem sequer a cinco por cento do total da população da península, que para esta época giraria em torno de uns cinco ou seis milhões de habitantes⁹⁸.

⁹⁸ Estes números são uma possibilidade defendida por: SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, op. cit., p.251. Eles representam a soma de todos os povos que chegaram à Hispânia, ou seja, suevos, alanos e vândalos. O mesmo ocorre com o número de possíveis guerreiros. Não é provável que se possa distribuir com precisão os homens em armas.

Pode-se inferir, pelos modos de agir posteriores, que os invasores procederam ao seu assentamento em grupos de proporções médias e em lugares de importância estratégica ou riqueza natural. Provavelmente ocuparam as grandes propriedades (fazendas e vilas) abandonadas pelos antigos proprietários, membros da aristocracia senatorial, que haviam fugido, ou haviam perecido, nas lutas ou nas convulsões internas sofridas pela península Ibérica desde a derrota dos parentes de Honório pelo usurpador Constantino III.⁹⁹

Com freqüência, tal assentamento realizou-se nas zonas próximas a centros urbanos que eram bem providos de defesas estratégicas e onde poderiam estabelecer guarnições com vistas ao domínio do território circundante e a prevenir ataques por parte da população local ou de tropas do império que, porventura, pudessem ainda existir ou serem enviadas pelo governo central. Assim, para parte do século V, sabe-se da existência de povoação e guarnição sueva nos três principais centros urbanos do noroeste da Hispânia, em Braga, Lugo e Astorga¹⁰⁰.

Do testemunho de Idácio¹⁰¹, pode-se deduzir que, como consequência deste assentamento, produziu-se na península uma certa tranqüilidade. Era de se esperar que convertidos em camponeses, os invasores poderiam ser assimilados em um espaço de tempo relativamente curto, pela maioria da população hispano-romana. Isto já havia ocorrido com alguns germânicos que estavam assentados nas províncias da Gália desde o século anterior¹⁰².

⁹⁹ SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, op. cit., p.251

¹⁰⁰ SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, op. cit., p.252

¹⁰¹ *Idácio; cron. a.411-XVII [241]*

¹⁰² SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, op. cit., p.252

Um indício de que este processo de assimilação estaria em marcha pode ser o da conversão dos vândalos, naquele momento, ao cristianismo, mesmo que na sua versão ariana¹⁰³. Mas este período de paz e tranquilidade terminaria logo com a reação do governo imperial, que recorreu aos visigodos como força militar, decidido a restaurar seu pleno domínio na península e restabelecer o *status quo* sócio-político ali existente anteriormente.

3.2 REBELIÕES NA GÁLIA E HISPÂNIA

A necessidade de uma retomada do poder nas províncias gaulesas e hispânicas por parte do governo de Honório foi devido, não só ao fato da presença dos bárbaros estarem causando prejuízos nestas regiões, mas principalmente pelos distúrbios provocados por atos de sublevação militar e usurpação deste poder por parte destes mesmos militares acantonados, principalmente na Gália e Britânia. A presença dos próprios bárbaros naquelas dioceses pode ser uma conseqüência direta destes distúrbios, pois provocaram a divisão das forças encarregadas de defende-las. O fato dos visigodos de Alarico estarem no norte da Itália e neste momento como uma ameaça aos romanos, também ajudou a provocar o descontentamento que desencadeou os movimentos que levaram a perda do poder pelo imperador naquelas províncias. Mas reaver a autoridade sobre aquelas regiões era urgente, pois no caso da Hispânia, a manutenção das províncias costeiras era necessária para continuar controlando as importantes rotas marítimas

¹⁰³ Ibid.

mediterrâneas que garantiam o necessário abastecimento do império, mesmo com a ameaça dos visigodos sobre a Itália.

Para fazer frente ao rei visigodo, Estilício, que então era o responsável pela política militar do império na qualidade de seu comandante chefe e conselheiro do imperador, teve de lançar mão de todas as forças de que dispunha no ocidente, já que não tinha mais a sua disposição as tropas orientais¹⁰⁴. As forças que Estilício reuniu para proteger a Itália, foram em grande parte deslocadas das guarnições de fronteira. Esta atitude deixou as províncias fronteiriças como a Britânia, a Gália e a região do Reno, praticamente desprotegidas, o que deu oportunidade a vários povos de cruzá-las¹⁰⁵. Os povos que atravessaram a fronteira desguarnecida provocaram muitos estragos por onde passaram.

E as chamas devastadoras da guerra se espalharam das margens do Reno pela maior parte das dezessete províncias da Gália. Esse rico país, que se estendia até o oceano, os Alpes e os Pirineus, ficou entregue aos bárbaros, que levavam pela frente, numa turba promíscua, o bispo, o senador e a virgem, juntamente com os espólios de suas casas e altares.¹⁰⁶

Tal situação, mesmo levando em consideração um certo exagero no relato de Gibbon, gerou um ambiente favorável ao aparecimento de rebeliões e à eleição de usurpadores, que tentavam resolver as situações de maior emergência. Dentre eles o que obteve sucesso por mais tempo foi um

¹⁰⁴ Arcádio, o imperador do oriente, havia ordenado que os contingentes orientais que estavam servindo sob Teodósio e depois sob Estilício, fossem devolvidos ao comando de Constantinopla. FERRILL, op., cit., p.83.

¹⁰⁵ No último dia do ano de 406, os Suevos, Alanos e Vândalos atravessaram o Reno e foram seguidos por Alamanos e Burgúndios. GIBBON, op., cit., p.410 ; LOT, op. cit., p.180 ; BROWN, op. cit., p.130

¹⁰⁶ GIBBON, op., cit., p.410

soldado acantonado na Britânia chamado Constantino¹⁰⁷. Esta iniciativa das tropas também reflete a aparente imobilidade em mandar ajuda para deter e expulsar os invasores da Gália, por parte do governo imperial na Itália. Justificando a atitude dos soldados com o caráter da urgência desesperada, por temerem terem sido abandonados pelo imperador legítimo, as tropas entregaram o poder a quem eles julgaram ser capaz de realizar a tarefa que o governo central não tomava para si. O eleito para esta tarefa ficou conhecido como Constantino III e colocou sob o seu governo a Britânia, a Gália e, posteriormente, a Hispânia¹⁰⁸.

Aparentemente logrou obter sucesso em deter, pelo menos temporariamente, o avanço das incursões e as devastações dos povos invasores e com isso conseguiu a simpatia da população local para a sua causa. Assim, sentiu-se seguro e passou a planejar a anexação de todo o território do ocidente, isto é, invadir a Itália e depor Honório. Mas para isso precisava consolidar a sua posição na diocese da Hispânia, pois apesar de que “ninguém se opôs aos novos designados” para a administração da diocese, havia a “exceção dos parentes de Teodósio”¹⁰⁹ que poderiam opor resistência aos seus planos naquela diocese.

A decisão estratégica de Constantino III em submeter ou eliminar as possíveis forças opositoras ao seu governo na Hispânia, desencadeou uma série de fatos que caracterizaram profundamente o início do século V, na

¹⁰⁷ Constantino governou a Gália de 407 a 411. FERRILL, op., cit., p.100

¹⁰⁸ ARCE, Javier. *El último siglo de la España romana: 284-409*. Madrid : Alianza Editorial, 1986. p.151

¹⁰⁹ “...nadie se opuso a los nuevos designados (*quos cum prouincia aboedientes accepissent*) excepto los parientes de Teodósio.” In : ARCE, op., cit., p.152.

região. Constantino III enfrentou forças organizadas pelos partidários de Honório, possivelmente eram alguns parentes do imperador, como consequência de uma aparente omissão do governo imperial na Itália em mobilizar a defesa para a região¹¹⁰. Para executar a tarefa de anexação da Hispânia, Constantino III, nomeou um dos seus melhores generais, Gerônimo. Junto com ele, Constantino III, enviou o seu filho mais velho, Constante¹¹¹, após tê-lo nomeado César¹¹², para governar a Hispânia.

Gerônimo encontrou e enfrentou uma oposição armada por partidários de Honório, como mencionado. Dela faziam parte uma coligação de ricos proprietários da região que reuniram e armaram uma força de combatentes para a luta contra Constantino III¹¹³. Estas defesas encontradas na Hispânia, foram recrutadas entre os escravos e os servos dos ricos proprietários que eram partidários e tinham interesses junto ao governo central do império, na figura do imperador legítimo, Honório. Comandados por dois parentes do imperador¹¹⁴, estas forças não estavam à altura do exército regular, melhor armado e treinado, empregado pelo usurpador. Apesar disso conseguiram opor heróica resistência, quase derrotando Gerônimo, a ponto deste ter que requisitar reforços da Gália¹¹⁵. Mas os partidários de Honório foram derrotados e seus líderes executados. As forças regulares, as legiões

¹¹⁰ ARCE, op., cit., p.151

¹¹¹ ARCE, op., cit., p.152

¹¹² O título de César era, desde Diocleciano (284-305) uma espécie de vice e herdeiro do imperador que levava o título de Augusto. FERRILL, op., cit., p.34

¹¹³ Segundo Zósimo, os familiares de Teodósio, que apesar de tudo, num ato quase desesperado, reuniram seus “exércitos Lusitanos”, integrados por seus escravos domésticos e rurais e os camponeses, pagos e armados por eles mesmos. (Zósimo, VI, 4; Sozomeno, IX, 11; Orósio, VII,40,6: *servulus suos ex propriis praediis colligentes ac vernaculis alentes sumptibus*) In : ARCE, op. cit., p.153

¹¹⁴ Aparentemente primos em grau distante. ARCE, op., cit., p.78

¹¹⁵ ARCE, op., cit., p.156

do exército de campanha, que eram partidárias de Honório e tinham suas bases na península Itálica, não foram mobilizadas em auxílio para a defesa da Hispânia, aparentemente por estarem mais preocupadas e ocupadas com os visigodos de Alarico que estavam movendo-se em direção ao norte da Itália, ameaçando a península Itálica e o governo central¹¹⁶.

Dois aspectos importam aqui das ações que se desenrolaram a partir do episódio da anexação da Hispânia por Constantino III. O primeiro é a própria anexação, com a utilização peculiar das forças de ambos os lados e o segundo é uma subsequente rebelião do próprio Gerônimo frente ao seu antigo senhor e o tipo de recursos e acordos de que este se utilizou para realizar seu plano.

No primeiro caso foram utilizadas, por parte de Gerônimo, as tropas vindas da Gália, o exército de Constantino que o aclamou imperador, estas eram as tropas regulares que estavam estacionadas na Britânia e na Gália¹¹⁷. Junto a este exército encontravam-se também, forças auxiliares, tropas compostas por homens que não eram romanos e nem legionários no sentido mais específico do termo. Eram os esquadrões ou coortes de auxiliares, que desde muito tempo, eram empregados pelo exército romano. Estes em particular eram conhecidos como *Honoriaci*.¹¹⁸ Sua composição era a mais variada, normalmente guerreiros de tribos bárbaras que estavam vinculadas ao império através de pactos e alianças.

¹¹⁶ Ver as campanhas de Estilício contra Alarico. FERRILL, op., cit., p81-88

¹¹⁷ FERRILL, op., cit., p.100

¹¹⁸ “*Contra ellos, envió Constantino a Constante cum barbaris quibusdam, que recebían el nombre de Honoriaci.* (Orósio, VII,40,7). ARCE, op., cit., p154 ; ORLANDIS, op. cit., p.23

Depois de anexar a Hispânia, uma parte das forças voltou à Gália¹¹⁹ com o César Constante, provavelmente as tropas regulares. Os *Honoriaci* permaneceram na Hispânia sob o comando de Gerônimo¹²⁰, e um fato peculiar que nos interessa; uma parte destes *Honoriaci* foi deixada para tomar conta dos passos nos montes Pirineus¹²¹, a fronteira física entre a Hispânia e o resto do império.

Este fato parece ter sido determinante e, com efeito, aumentou a possibilidade da passagem, para a Hispânia, daqueles bárbaros que haviam atravessado o Reno e encontravam-se agora perambulando pelo sul da Gália. Os *Honoriaci* também receberam como recompensa, por terem ajudado a derrotar os adversários de Constantino, a autorização para saquear algumas ricas regiões da província recém conquistada¹²². Bem provável que tenham sido as propriedades dos que organizaram a oposição na diocese ao usurpador. Isto gerou um certo descontentamento e desconfiança por parte dos demais proprietários da região, que temeram tornarem-se vítimas do mesmo destino se não apoiassem o novo governo.

Do segundo ponto a analisar temos que, após a anexação da diocese, o general Gerônimo começa a ter as suas próprias ambições e planos para a Hispânia¹²³. Talvez por desconfiar desta possibilidade de traição, Constantino III, começa a dar mostras de ter perdido a confiança no seu

¹¹⁹ (Sozomeno, IX,12,2) ARCE, op., cit., p.156

¹²⁰ (Zósimo, VI,5,1; Orósio, VIII,40,7) ARCE, op., cit., p.156 ; ORLANDIS, op. cit., p.25 ; SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, op. cit., p.250

¹²¹ (Orósio, VII,40,8; Sozomeno, IX,12,2; Zósimo, VI,5,1) ARCE, op. cit., p.157 ; ORLANDIS, op. cit., p.23

¹²² (Orósio, VII,40,8 e 9) ARCE, op., cit., p.156 ; ORLANDIS, op. cit., p.23

¹²³ ARCE, op., cit., p.158

general¹²⁴. Como medida de precaução envia novamente seu filho Constante, e com um novo general, Justus, com a missão de substituir Gerônimo¹²⁵. Mas esta atitude precipita uma rebelião aberta¹²⁶. Gerônimo agora está contra o seu antigo senhor. Para conseguir seu intento, subleva as tropas sob o seu comando e mais, faz um acordo com as tribos bárbaras que estavam no sul da Gália naquele momento¹²⁷.

O quadro das forças na Hispânia apresenta-se com o exército e os Honoriaci sublevados em favor de Gerônimo, inclusive os que guardavam os passos nos Pirineus. Construindo um possível acordo com as tribos bárbaras e uma convivência dos guardas encarregados da fronteira, que permitiria a passagem da Gália para a Hispânia de Vândalos, Suevos e Alanos, Gerônimo consolidaria a sua posição na diocese¹²⁸. Historiadores contemporâneos confirmam a existência deste pacto e passagem facilitada. Sozomeno¹²⁹ declara que os bárbaros foram deixados passar para serem uma força de apoio e dissuasão contra Justus, o general de Constantino III¹³⁰, a favor do general rebelado.

Para que o projeto de Gerônimo em assumir o poder no lugar de Constantino fosse levado avante com sucesso, ele deveria livrar-se de seus

¹²⁴ (Zózimo, VI,5,2) ARCE, op. cit., p.159

¹²⁵ (Olimpiodoro, frag. 16; Zózimo, VI,5,2) ARCE, op., cit., p.158

¹²⁶ ARCE, op., cit., p.159 ; ORLANDIS, op. cit., p23

¹²⁷ As mesmas tribos que cruzaram o Reno no final de 406. (Olimpiodoro, frag. 16) ARCE, op., cit., p.159 ; SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, op. cit., p.250

¹²⁸ “Porque, en efecto, no ocurrió ninguna “invasión” en esa fecha (409) de bárbaros suevos, alanos y vándalos, sino que se trató de una concesión de paso y de una alianza con ellos para contrarrestar el poder del usurpador Constantino III y sus seguidores en la Península”. ARCE, op., cit., p. 158 ; GARCIA MORENO, op. cit., p.250 ; ORLANDIS, op. cit., p23

¹²⁹ (Sozomeno, IX,12,7) ARCE, op., cit., p.159

¹³⁰ ARCE, op., cit., p.159 ; SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, op. cit., p.250

inimigos também no restante da Gália. Mas primeiro tratou de consolidar ainda mais sua situação na Hispânia, fazendo os arranjos políticos necessários. Interessante é um pormenor que ocorria já há algum tempo no império do ocidente; o cargo de imperador já não era mais tão atraente para aqueles que queriam realmente o poder. O cargo de comandante-em-chefe do exército era mais importante e garantia um poder *de facto*. Por isso Gerônimo nomeou como Augusto (ou seja, imperador) a um cidadão hispânico chamado Máximo¹³¹, e ele permaneceu como general chefe. Sendo Máximo um hispano-romano, com isso Gerônimo pretendia também atrair as simpatias dos poderosos proprietários da diocese para a sua causa. Deixando Máximo na Hispânia, partiu para combater Constantino III.

Aparentemente, esta composição deu as forças necessárias para que o então general rebelado infligisse pesadas derrotas aos seus oponentes. Tanto que a perseguição de Gerônimo levou à morte do César Constante e ao sítio de Arles, a capital do usurpador Constantino III, localizada em ponto estratégico no sul Gália¹³².

Foi enquanto Gerônimo sitiava seu inimigo, que Honório, o imperador legítimo do ocidente, resolveu que era hora de reaver sua autoridade em todos os seus domínios, mobilizando seus exércitos de campanha, agora sob o comando de um novo chefe militar, o general Constâncio¹³³.

¹³¹ (Sozomeno, IX,13,1; Orósio, VI,42,4; Gregório de Tours HF,II,9) ARCE, op. cit., p.160 ; ORLANDIS, op. cit., p.25

¹³² (Sozomeno, IX,13,2) ARCE, op., cit., p.160 ; ORLANDIS, op. cit., p.25. Ver também o mapa do anexo 2.

¹³³ Substituto de Estilício no comando do exército romano ocidental. (Sozomeno, IX,13,3) ARCE, op., cit., p.161 ; ORLANDIS, op. cit., p.25 ; SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, op. cit., p.252

Diante da determinação do governo do império, as tropas de Gerônimo desertaram, deixando-o à própria sorte¹³⁴ e passaram para o lado de Constâncio. Gerônimo tratou de fugir, retornando à Hispânia, mas lá também o restante das suas tropas também estavam em rebelião contra o seu testa de ferro, Máximo. Gerônimo morre nas mãos dos amotinados e o títere Máximo é exilado, deixando a diocese em pior situação do que estava antes¹³⁵. Novamente ela estava dividida, agora entre os partidários de Honório que conseguiram dominar parte de algumas províncias costeiras e a nova força que fora supostamente “convidada” por Gerônimo, os bárbaros¹³⁶.

Mesmo que o governo romano tenha se livrado dos usurpadores e voltado a controlar as importantes províncias costeiras do sul da Gália e leste da Hispânia, os visigodos, principalmente, ainda representavam uma ameaça porque tanto eles como os demais bárbaros que se encontravam nestas regiões, controlavam importante extensão do território imperial.

¹³⁴ ARCE, p.161 ; ORLANDIS, p.25 ; SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, p.252

¹³⁵ (Sozomeno, 12,13,4) ARCE, op., cit., p.162

¹³⁶ (Orósio, VII,42,5) ARCE, op., cit., p.162 ; SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, op. cit., p.252-253

4 ASPECTOS MILITARES

Ao analisarmos a crônica idaciana, podemos notar que quanto ao aspecto que o autor deixa transparecer em relação ao componente militar, há dois grandes momentos que podemos observar. O primeiro, compreende o período de tempo que se apresenta do início da crônica, que se dá em 379, e se estende até meados do século V. Isto representa mais ou menos a metade de toda a crônica. O segundo momento aparece na parte que compreende a segunda metade da crônica, especificamente até o ano de 469 d.C.

Nestas duas etapas há maneiras distintas de relatar os feitos e efeitos dos envolvidos nas operações e nos comandos das forças militares do império romano. Nota-se que o cronista acompanha o desenrolar de uma grande transformação do poder militar dentro da estrutura imperial. Apesar de aparentemente ter escrito sua obra quando já estava com alguma idade¹³⁷, o relato dos fatos dos primeiros decênios, são mantidos dentro de uma visão que corresponde a de um membro da alta hierarquia aristocrática de seu tempo. São observações de quem tem uma confiança em que o império possa contornar as dificuldades com as suas próprias forças e meios. Isto através de seus membros mais valorosos e aptos na tradição, comando e força militar romana.

A primeira parte consiste em colocar em evidência esta capacidade, principalmente quando em oposição ao elemento externo, ou seja, os

¹³⁷ VILELLA, Josep. *Idácio, un cronista de su tiempo*. Compostellum 44, 1999. In : <http://www.ub.es/cgi-bin/htimage/barnap.map> (capturada em 18/02/04 às 13:00 h).

bárbaros e no âmbito interno, as virtudes tradicionais que fazem de Roma a sua grandeza em oposição aos bárbaros.¹³⁸

A crônica começa justamente com a ascensão de um destes expoentes na arte militar romana, Teodósio I. Ele foi um dos últimos imperadores que comandou as forças militares de forma única e pessoal e obteve êxitos notáveis neste campo, ainda mais notáveis devido à situação que herdara¹³⁹. Após a morte de Teodósio, o poder militar passou diretamente para as mãos dos comandantes de campo, ou seja, o imperador “cedeu” o comando das forças e da política militar aos seus assessores, não mais exercendo esta atividade pessoalmente, como fora a tradição e uso desde o tempo do imperador Augusto.

Idácio elabora sua crônica, como já mencionado, recolhendo fatos que abrangem toda as faces do mundo ao seu redor. Dentre estes aspectos não lhe escapou a faceta relativa aos feitos militares dos seus conterrâneos. Como estes feitos estão inseridos no universo da crônica é necessário extrai-los, primeiro temporalmente, pois uma crônica segue essencialmente este critério, depois tematicamente, que serão os aspectos relativos aos eventos que foram considerados como de ordem militar. A escolha para o relato destes aspectos recaiu sobre as personalidades que estavam encarregadas mais diretamente da política e estratégia do uso das forças militares a disposição do governo de Roma. Seremos guiados pelos fatos militares relatados na crônica e reafirmados com a bibliografia utilizada.

¹³⁸ “Los godos se entregan a los romanos con un pacto de paz desleal.” *Idácio; cron. a.382 -III[81]* ; “La nación de los Greotings es vencida por Teodósio.” *Idácio; cron. a.386 -VIII[108-109]*

¹³⁹ Ver item 3

4.1 ESTILICÃO

O primeiro grande expoente militar que se enquadrou neste novo esquema político-militar, foi o tutor do novo imperador do ocidente e comandante geral das forças legionárias do império ocidental, o general (magister militum) Estilicão.

Quando da morte de Teodósio, em 395, começou o reinado dos seus dois filhos, Arcádio e Honório¹⁴⁰. Arcádio ficou encarregado da parte oriental do império, Honório, por sua vez, foi colocado à frente da parte ocidental. Sendo Honório ainda menor de idade, Teodósio deixou como seu tutor um dos seus comandantes militares mais experiente, Estilicão. Como tutor, conselheiro e regente do imperador do ocidente, ele tentou levar adiante a política iniciada por Teodósio, no que dizia respeito aos povos germânicos que penetraram as fronteiras imperiais. Estilicão também era o comandante de todo o exército ocidental e como tal esteve ocupado em duas grandes frentes durante o período final de sua vida¹⁴¹. A primeira e a que talvez tenha lhe causado a morte, foi a pretensão de reger as duas partes do império¹⁴². A segunda foi a sua contínua luta contra o rei visigodo, Alarico.

¹⁴⁰ “Teodosio, debido a la enfermedad de hidropesía, muere en Milán en el año XVII de su reinado. [Es embalsamado y sepultado en la iglesia de San Lorenzo.] Y este año, que es el XVII de Teodosio, es el primero de Arcaio y Honorio en el principio de su reinado.” *Idácio; cron. a.395-XVII [140-146]*

¹⁴¹ Estilicão morreu em 408, vítima de uma conspiração palaciana. REMONDON, op. cit., p.127 ; LOT, op. cit., p.181

¹⁴² Apesar de Teodósio haver indicado um nome específico, Rufino, prefeito do pretório, para conselheiro de seu filho Arcádio no trono do oriente, Estilicão alegava que fora designado conselheiro para ambos os imperadores. Sobre as pretensões de unificação do governo de Estilicão ver; FERRILL, op., cit., cap. V, p.78-98. MAZZARINO, S. *Stilicone: la crisi imperial dopo Teodosio*. Roma, 1942. BURY, J.B. *History of the late roman empire*. Londres, 1971. 2v (transcrito da edição de 1923).

Alarico foi aliado e colaborador de Teodósio e quando da morte deste, ficou descontente por não receber, oficialmente, as recompensas que pretendia serem de seu direito, dentro da organização militar romana¹⁴³. Não se sentindo mais obrigado em sua aliança com Teodósio, começou a saquear algumas províncias que estavam sob a jurisdição do imperador do oriente. Como o imperador oriental, Arcádio, não o reprimiu, seja por problemas internos ou deliberadamente, não há muitas certezas quanto a isso, Estilicão tomou a iniciativa e levou tropas do ocidente para combater o rei visigodo rebelde¹⁴⁴.

Esta incursão gerou uma reação do governo oriental, pois as pretensões de Estilicão em obter a regência de todo o império eram conhecidas. Com isso, Arcádio, ordenou que Estilicão se retirasse dos territórios orientais. Estilicão conseguiu derrotar o rei Alarico, mas o medo de Arcádio e sua conseqüente ordem de retirada permitiram a Alarico escapar, mesmo após ter sido derrotado no campo de batalha¹⁴⁵.

Depois deste episódio e de promover alguns saques, Alarico conseguiu ser nomeado governador militar para Ilíria, uma de suas pretendidas recompensas, pelo imperador do oriente. A partir daí voltou-se para o ocidente, seja por estarem exauridos os recursos para o saque ou, segundo alguns, por instigação do próprio imperador oriental e seus assessores¹⁴⁶. Segue-se uma série de tentativas para ocupar a Itália, todas

¹⁴³ A nomeação para o cargo de general chefe do exército romano, seria uma de suas pretensões. Existem outras opiniões sobre os motivos que levaram à rebelião de Alarico, mas esta é expressa particularmente por FERRILL, op., cit., p.82.

¹⁴⁴ FERRILL, op., cit., p.83.

¹⁴⁵ FERRILL, op. cit., p.83.

¹⁴⁶ FERRILL, op. cit., p.83

rechaçadas por Estilício. Todas as vezes em que o comandante romano enfrentou o rei visigodo no campo de batalha, Estilício foi vitorioso, mas o rei sempre logrou fugir. Talvez isto ocorresse por haver nas fileiras de Estilício um grande número de soldados godos e era difícil mantê-los na disciplina necessária para uma eficaz perseguição, ou, como foi acusado, estava usando o rei bárbaro como peça em um jogo que visava o controle de todo o império¹⁴⁷.

Resultado é que uma facção¹⁴⁸ contrária a Estilício venceu o jogo de poder e convenceu o imperador Honório do perigo representado por Estilício. Honório foi obrigado a mandar executá-lo para não ter uma rebelião aberta em suas mãos. Livre do seu principal oponente, então Alarico forçou mais uma vez a entrada na Itália e desta vez logrou êxito e foi nesta campanha que chegou a entrar na própria cidade de Roma, promovendo o seu saque, fato que não ocorria desde a muito tempo, quando os celtas saquearam Roma em 390 antes de Cristo. Idácio não deixa de anotar o fato de que, “Alarico, rei dos Godos entrou em Roma; Produziram-se muitas mortes dentro e fora da cidade, pouparam-se todos que se refugiaram nos lugares sagrados.”¹⁴⁹

O saque da cidade de Roma por parte dos visigodos causou comoção em todo o império, gerando mais atritos entre os cristãos e os pagãos. Os

¹⁴⁷ LOT, op. cit., p.180 ; REMONDON, op. cit., p.127 ; FERRILL, op. cit., p.83-84

¹⁴⁸ Começou em Constantinopla um sentimento antibárbaro e a criação de um “partido” romano em oposição ao crescente número de ‘bárbaros’ no exército e na administração de Roma. No ocidente o sentimento e ação da facção antibárbaro, agiu contra Estilício por suspeitarem de seus atos em relação ao rei visigodo Alarico e também por sua ascendência vândala. Esta facção era uma espécie de reação das camadas aristocráticas romanas, numa tentativa de auto-afirmação frente à ameaça representada pelos bárbaros no tecido social ocupado por esta aristocracia. FERRILL, op., cit., p.88-92.

¹⁴⁹ *Idácio; cron. a. 410 - XVI [212-215]*

primeiros sendo acusados de serem os culpados da catástrofe por terem abandonado os antigos deuses que tinham protegido a cidade durante muito tempo resultando daí o castigo. Como defesa da parte dos cristãos, a mais importante resposta veio através do já famoso bispo de Hipona, no norte da África, Agostinho, com a sua obra “A cidade de Deus”¹⁵⁰. Porque o saque e a destruição causados pelos bárbaros não foram castigos dos deuses para aqueles que os abandonaram mas parece que o castigo só ‘atingiu’ aos que insistiram em não aceitar refúgio como aqueles que foram buscar proteção nos “lugares sagrados (dos cristãos) e foram poupados”, como mencionado acima por Idácio.

Um império dividido entre ocidente e oriente e com os problemas criados com a assimilação dos povos germânicos, principalmente os visigodos, na formação da força militar e na administração do poder imperial, foram o resultado das medidas tomadas por Teodósio, em primeiro lugar, e dos seus filhos em dar-lhes continuidade, resultaram numa nova ordem no equilíbrio das forças que atuavam no interior do império. Principalmente na composição e estratégia da defesa do território ocidental. Onde temos um quadro que resultou em novas invasões e

¹⁵⁰ “De esta manera (refugiándose en las iglesias de Roma) salvaron sus vidas muchos de los que ahora infaman y murmuran de los tiempos cristianos, culpando a Cristo de los trabajos y penalidades que Roma sufrió y no atribuyen a este gran Dios el enorme beneficio de haber visto sus vidas a salvo por el respeto que infunde su santo nombre. Por el contrario cada cual hace depender este feliz suceso de la influencia de hado, cuando, si lo reflexionasen, deberían atribuir las molestias y penalidades que sufrieron por la mano vengadora de sus enemigos a los arcanos y sabias disposiciones de la providencia divina, que acostumbra a corregir y aniquilar con los funestos efectos que presagia una guerra cruel, los vicios y las costumbres corruptas de los hombres (...) Deberían también los vanos impugnadores atribuir a los tiempos en que florecia el dogma católico, la gracia de haberles hecho merced de sus vidas los bárbaros, en contra de los que es usual en las guerras, sin más respeto que por iniciar su sumisión y reverencia a Jesucristo, otorgándoles este favor en todos los lugares, y particularmente si se refugiaban en los templos”. SANTO AGOSTINHO. *De civitate Dei. Libri XXII, p.14-15*, Paris, 1613. In : URL: <http://www.ub.es/cgi-bin/htimage/barmap> (capturada em 18/02/04 às 13:00 h).

estabelecimentos de mais povos que não faziam parte do mundo romano até então¹⁵¹.

Para Idácio, a trajetória político-militar do general Estilício a frente dos exércitos que combateram e impediram o rei visigodo de penetrar na península itálica, parece não ter sido importante. Apesar de dar especial atenção ao imperador Teodósio e sua política no governo do trono imperial do oriente e depois com a reunificação do império, a tentativa de dar continuação a esta política na figura de seu general e tutor do filho imperador, não é mencionada em sua crônica. Talvez porque os bárbaros não representassem, ainda, um perigo imediato já que houveram tantas outras tentativas por parte de vários povos em penetrar e ou saquear algumas províncias romanas no passado e todas elas foram rechaçadas. Os, também, poderia ser o fato de que o general fosse um descendente de bárbaros que ambicionava controlar todo o império, interferindo nos assuntos orientais. Ou mesmo pelos seus adversários políticos serem majoritariamente a facção anti-bárbara que existia nas duas cortes imperiais da época. Facção esta formada principalmente pela aristocracia romana, a qual, o bispo também pertencia.

Não sabemos exatamente porque Estilício passa em branco na crônica de Idácio, mesmo quando as conseqüências de sua ausência foram tão marcantes para todo o mundo romano. Estas sim narradas e lamentadas por Idácio.

A não citação dos feitos de Estilício é interessante de se notar, já que a política implementada por ele é a mesma que foi iniciada por

¹⁵¹ Por exemplo, os francos no norte da Gália. Vide: LOT, op. cit., p.183

Teodósio e reaparece nas ações dos sucessores do general. Suas ações não podem ter sido desconhecidas de Idácio, pois, como já mencionado, a crônica foi escrita bem depois de todos estes fatos terem ocorridos e mesmo que tenha mantido distância ideológica com relação ao general, o fato de não mencioná-lo é no mínimo sintomático do significado de Estilicão na aristocracia imperial.

4.2 CONSTÂNCIO

Um segundo grande comandante militar romano e que consolidou a posição do chefe militar que detém o poder político, pode ser encontrado na figura de Constâncio¹⁵². Ele chegou ao posto de general chefe das forças militares (*magister utriusque militiae*) durante o reinado de Honório, após a morte de Estilicão. Como este, Constâncio dirigiu a política militar pessoalmente e influenciou no poder do imperador ao ponto de conseguir ser nomeado co-imperador do ocidente pelo imperador Honório.

Após a morte de Estilicão, Alarico ficou livre para entrar na Itália. Ele o faz e consegue tomar a cidade de Roma, saqueando-a e consegue levar a irmã de Honório como refém¹⁵³. A princesa Gala Placídia¹⁵⁴ viria a ter grande participação no futuro político de Roma em relação aos godos.

¹⁵² “Constâncio emergirá como sustentáculo militar do ocidente, sucessor do poder e influência de Estilicão. Sua aparência era decididamente estranha - com olhos grandes que dardejavam de um lado para outro, assentados numa cabeça larga por cima dum pescoço comprido, ele parecia forte e desconfiado em público, embora aparentemente desconfiasse com os amigos comendo e bebendo. Se tornou-se ganancioso com o passar do tempo, no início da carreira não podia ser subornado, virtude rara numa era corrupta. Com o passar do tempo, apaixonou-se por Gala Placídia, irmã do imperador, prisioneira dos visigodos. Nascido na Ilíria, Constâncio combatera sob as ordens de Teodósio e pode ter sido um partidário de Estilicão”. FERRILL, op. cit., p.101

¹⁵³ “Placidia, hija de Teodosio, hermana del imperador Honorio, es cautivada por los Godos en Roma.” *Idácio; cron. a.410-XVI [216-217]*

¹⁵⁴ “Por bastante tempo, conseguiu pelo menos exercer influência muito intensa, e suas ligações sempre deleitaram modernos estudiosos da meia-irmã do imperador Honório, esposa de Ataúlfo e rainha dos

Neste cenário é que aparece o novo conselheiro militar do imperador, Constâncio. Antes mesmo de que os visigodos de Ataúlfo, sucessor de Alarico, saíssem da Itália, Honório enviou o seu general chefe para combater os rebeldes soldados do usurpador que governava a Gália, Constantino III.¹⁵⁵ Este estava sitiado em Arles, sul da Gália, por tropas do outro usurpador, governando a Hispânia, o general Gerônimo e o seu títere Máximo. Como Máximo fora derrubado por rebelião em seu próprio exército, Gerônimo teve que regressar e na seqüência também foi vítima de revolta de suas tropas. Constâncio aproveitou-se da situação e venceu Constantino, enviando-o para a execução¹⁵⁶.

Logo depois que Constâncio regressou à Itália, outro rebelde se insurge na Gália, junto com o irmão e a ajuda dos bárbaros alanos e burgúndios assentados nas províncias da diocese. Eram os irmãos Jovino e Sebastião¹⁵⁷. Durante este levante, ocorreu que os visigodos, após saquearem Roma, resolveram seguir justamente para a Gália. Lá, os irmãos rebelados viram os visigodos como uma ameaça ao seu plano para governar aquelas províncias e então aqueles rebelados se opuseram ao avanço dos

visigodos, esposa do imperador romano Constâncio III, mãe do imperador Valentiniano III - e durante a mocidade foi efetivamente imperatriz de Roma, por direito próprio como uma Augusta oficial". FERRILL, op. cit., p.115. Sobre a vida de Gala Placídia existem muitas obras, tais como: HOLM, K. *Theodosian empresses; women and imperial dominion in late antiquity*. Berkeley, 1982. SIRAGO, Vito Antonio. *Gala Placidia e la trasformazione politica dell'Occidente*. Louvain, 1961. OOST, Stewart. *Gala Placidia*. Chicago, 1968.

¹⁵⁵ Ver item 3.2

¹⁵⁶ "Constantino, tres años después de invadir ilegítimamente el poder, es muerto por el general de Honorio, Constancio, en las Galias". *Idácio; cron. a.411- XVII [254-256]*

¹⁵⁷ "En la Galia los hermanos Iovino y Sebastián y en Africa Heracliano se alzan también con la invasión tiránica del poder". *Idácio; cron. a.412- XVIII [257-259]*

visigodos. Melhor para Honório que conseguiu fazer com que os próprios visigodos enfrentassem e derrotassem os rebelados da Gália em 413¹⁵⁸.

Ao mesmo tempo outro rebelde, outrora general fiel a Honório, toma o poder na África. Para combater o rebelado conde Heracliano da África, Honório nomeia o general Constâncio. O conde africano tentou invadir a Itália com uma grande frota, mas foi derrotado e teve que fugir de volta para a sua província, onde foi posteriormente executado¹⁵⁹. Com isso, Constâncio foi recompensado com a grande fortuna pessoal do conde rebelde morto, sinal de que sua influência aumentou ainda mais no império e principalmente junto ao imperador.

A rebelião de Heracliano causou problemas também com o acordo que Honório celebrara com Ataúlfo, cujos termos para tê-lo como aliado, eram o fornecimento de víveres e assentamento em território do império. A contra partida de Ataúlfo era o combate dos rebelados da Gália e a devolução da irmã do imperador, que ainda estava em seu poder. Mas a revolta africana interrompeu o abastecimento de Roma com os cereais que vinham desta província e o imperador não conseguiu cumprir sua promessa de abastecimento aos visigodos.

¹⁵⁸ “Iovino y Sebastián, batidos por los generales de Honorio, son muertos en Narbona. Los godos entran en Narbona en tiempo de la vendimia”. *Idácio; cron. a.413- XVIII [267-271]*

¹⁵⁹ “Heracliano movilizando el ejército desde Africa contra Honorio, vencido en el combate en Utriculo, en Italia, huye a Africa, despous de dejar en el citado pareje cincuenta mil bajas, y él mismo luego es morto en Cartago en el monumeno del Sepulcro por los satélites enviados por Honorio.” *Idácio; cron. a.413- XVIII [272-278]*

Em represália, o rei visigodo tomou a irmã de Honório como esposa¹⁶⁰, aparentemente sem a resistência da parte dela¹⁶¹. Com essa união, Ataúlfo apossou-se do território do sul da Gália como um direito seu.

O governo de Ravena não aceitou muito bem o casamento e enviou o general Constâncio com um exército para combatê-lo. Constâncio conseguiu bloquear os visigodos com uma hábil utilização da esquadra de guerra. Esta estratégia privou os visigodos de seu abastecimento, obrigando-os a se deslocar para Barcelona na Hispânia, na tentativa de furar o bloqueio. Lá, o rei visigodo foi assassinado e foi logo substituído por Vália, em 415¹⁶². O novo rei também sofreu as conseqüências do bloqueio naval imposto por Constâncio, agora das costas da Hispânia. Vália tentou sair da Hispânia e atravessar para a África, mas o clima não permitiu. Resolveu, então, abrir mão da princesa Gala Placídia em troca de suprimentos para o seu povo. Também recebeu a autorização para combater, em nome de Roma, os outros bárbaros que estavam na Hispânia¹⁶³.

Os acordos com os visigodos foram feitos através de Constâncio que como recompensa conseguiu a mão de Gala Placídia em casamento¹⁶⁴.

¹⁶⁰ “Ataulfo toma en Narbona por mujer a Placidia; y en esto se cree cumplida la profecía de Daniel, cuando dice, que la hija del rey del Sur ha de unirse al rey del aquilón; pero no queda ningún descendiente de ella.” *Idácio; cron. a.414- XX*

¹⁶¹ FERRILL, op. cit., p.103

¹⁶² “Ataulfo, impulsado por el gobernador [patricio] Constancio, para que, dejando Narbona, se dirigiera a las Hispanias, es degollado por cierto Godo en Barcelona, durante la conversación familiar.” *Idácio; cron. a.416- XXII [299-304]*

¹⁶³ “Valia, que le sucede en el reino, y después de un pacto de paz con el gobernador Constancio, hace la guerra a los Alanos y Vándalos Silingos que estaban establecidos en la Lusitania y en la Bética.” *Idácio; cron. a.416- XXII [304-307]*

¹⁶⁴ “Constancio toma por mujer a Placidia.” *Idácio; cron. a.416; [311]*

Vália continuou a combater os bárbaros na Hispânia com tanto sucesso, que entre 416 e 418, conseguiu exterminar quase que totalmente os vândalos da tribo dos silingos e eliminar, como povo, os alanos¹⁶⁵. De 418 em diante, restaram somente os suevos, que conseguiram o estatuto de federados, e os vândalos asdingos que estavam sob a autoridade do rei Gunderico, no território da Hispânia¹⁶⁶.

A recompensa dos visigodos foi o território da Aquitânia, no sudoeste da Gália, onde se estabeleceram com seu novo rei, Teodorico¹⁶⁷. Teodorico tornou-se grande aliado de Roma, na condição de federado, através de um pacto com o império no ano de 418.

O general chefe de Honório foi promovido a co-imperador, por seus serviços na luta contra os usurpadores, no controle dos visigodos e por ser casado com a irmã do imperador. Constâncio III, como passou a ser conhecido pela historiografia, porém, não conseguiu sobreviver ao seu colega, mas da união com Gala Placídia, deixou um filho que viria a ser o substituto de Honório¹⁶⁸.

A trajetória política e militar deste novo comandante do exército romano, substituto imediato de Estilicão, foi bastante ativa na luta contra os inimigos do trono imperial e também não foi esquecida pela crônica de

¹⁶⁵ “Valia, rey de los Godos, en servicio del Estado Romano, causa numerosas muertes de bárbaros dentro de las Hispanias.” *Idácio; cron. a.417- XXIII*.

¹⁶⁶ “Los vándalos silingos son exterminados todos por Valia en la Bética. Los Alanos, que dominaban a los Vándalos y a los Suevos, de tal modo son batidos por los godos que, extinguiendo su rey Adace, los pocos de ellos que habían quedado, abolido el título de reino, se someten al favor del rey Gunderico de los Vándalos, que estaba asentado en la Bética.” *Idácio; cron. a.418- XXIII[326-334]*

¹⁶⁷ “Los godos, interrumpiendo la lucha que mantenían, son llamados por Constancio a las Galias, y reciben tierras en la Aquitania, desde Tolosa hasta el Océano. Muerto Valia, su rey, le sucede en el reino Teodorico.” *Idácio; cron. a.419- XXV [340-345]*

¹⁶⁸ “Nace Valentiniano, hijo de Constancio y de Placidia.” *Idácio; cron. a.419- XXV[350]*

Idácio. Muito provavelmente a sua carreira deve ter crescido junto com a de Estilício sob as ordens do imperador Teodósio. Mas ao contrário de seu colega, Constâncio é citado várias vezes pelo bispo cronista através de seus feitos militares. Talvez porque eles estivessem mais diretamente ligados a proteção e a restauração da autoridade romana na região que incluía a que habitava o bispo. Parece ser importante que Constâncio tenha controlado os visigodos e principalmente que tenha derrotado o saqueador de Roma, na figura de seu rei Ataúlfo.

Conseguiu também controlá-los a tal ponto de torná-los úteis na manutenção das importantes províncias gaulesas, como o controle dos bárbaros na própria Hispânia, lar do cronista, e através de golpes estratégicos, a manutenção da segurança da costa ocidental. Não podemos esquecer que Constâncio ao contrário de Estilício era romano e como Teodósio, membro da aristocracia e seus atos mantiveram a unidade territorial do império por mais alguns anos e resolveram a ameaça que os visigodos representavam no tempo de Estilício. A vitória pessoal contra o rei Ataúlfo, levando-o à morte e tomando-lhe a esposa Gala Placídia, soa como uma vingança do saque de Roma.

4.3 AÉCIO

Na figura deste general temos a plena confirmação da prática de se fazer do comandante militar o homem forte do governo e a figura do imperador ser uma forma quase decorativa nas mãos destes comandantes. É o caso do sucessor de Honório. Valentiniano III é o imperador, mas as políticas e a força militar estão nas mãos de seus generais. Primeiro é o

general Félix que detém o título de patrício. Este título não se refere mais a classe aristocrática que existia na república e no início do império, mas a um posto hierárquico, que tinha o significado de que seu detentor seria o “pai” do imperador. Portanto era o tutor, o conselheiro o guia e protetor do imperador. Na prática, o homem forte do governo e geralmente o comandante supremo dos exércitos¹⁶⁹.

O mais importante dos comandantes militares do século V, e que também chegou ao cargo de patrício do império, foi o general Aécio. Durante décadas esteve à frente do exército ocidental e exerceu o seu poder através de ações militares, sejam contra os inimigos de Roma ou também contra os seus inimigos pessoais. Denominado o “último dos romanos” por Procópio¹⁷⁰, foi o rival de Gala Placídia. Ela era a mãe do imperador Valentiniano III, e a regente do império ocidental durante a minoridade do filho imperador.

As intrigas palacianas entre Aécio e Placídia moveram a política interna do governo do ocidente romano, envolvendo nestes fatos os diversos grupos de bárbaros que estavam ligados ao império através das facções em oposição. Aécio usou e manobrou muitas dessas tribos a seu favor ou contra os seus inimigos. Sejam eles os seus opositores políticos em Ravena ou outros grupos que estavam em seu caminho, a fim de consolidar sua posição dentro do governo de Roma.

¹⁶⁹ LOT, Ferdinand. *O fim do mundo antigo e o princípio da idade média*. Lisboa : ed. 70, 1980. p.99

¹⁷⁰ Historiador bizantino que viveu por volta do final do século V até 562. Foi conselheiro do chefe militar de Justiniano, Belisário. Escreveu a “História da Guerra” onde narra as guerras de que participou durante o reinado do imperador Justiniano (527-565). DICIONÁRIO Bibliográfico 2 (L-Z). 2 ed. São Paulo : Ed. Abril, 1976

Para entender o fenômeno da ascensão de Aécio, é preciso retroceder ao ano de 421, e entender a situação política na corte romana em Ravena. Após a morte de Constâncio (general e co-imperador de Honório), Gala Placídia, a esposa de Constâncio e irmã de Honório, que logo após a viuvez, esteve em harmonia com seu irmão, acabou por se desentender com este. Como Placídia era a mãe do futuro herdeiro, e quando do episódio do saque de Roma pelos visigodos (em 410) ficou em seu poder e foi levada por eles, tornou-se também a sua rainha quando desposou Ataúlfo, então o rei visigodo. Por isso, os seus adversários políticos a acusaram de proteger alguns de seus seguidores visigodos quando estes provocaram tumultos contra soldados regulares romanos em Ravena, sendo, assim, acusada de traição. Honório teve que bani-la, e ela foi refugiar-se em Constantinopla junto ao seu sobrinho Teodósio II, imperador do oriente, no ano de 423.

Este episódio foi seguido pela morte de Honório, que nesta época tinha como principal conselheiro um general chamado Castino, este, a princípio, governou o ocidente em acordo e com apoio de Teodósio II. Mas logo promoveu uma rebelião, ainda antes do final do ano de 423, e elevou ao cargo de imperador ocidental, um cidadão, de caráter e competência na administração civil do império ocidental, chamado João.¹⁷¹

Teodósio II, agiu contra este feito nomeando o filho de Gala Placídia e Constâncio III, como César do ocidente em 425, e enviou um exército oriental contra o ‘usurpador’ João. Ao mesmo tempo, as províncias da Gália e África também se colocaram contra João e a favor de Teodósio II e de Gala Placídia. Isto deixava a posição de João em grave perigo.

¹⁷¹ “Juan se alza con el poder ilegítimo.” *Idácio; cron. a.424 -XXX[394]*

Neste contexto é que aparece e começa a despontar a carreira do general Aécio. Este era partidário de João e foi enviado em missão junto aos hunos, para obter seu apoio na guerra contra o exército de Constantinopla. Aécio estava em boa posição para este feito, pois fora refém junto com seu pai, outro destacado general romano, dos godos e dos hunos, com os quais mantivera muitas amizades, especialmente entre os hunos. Esta amizade foi seu grande trunfo durante todo o resto de sua vida.

Apesar de conseguir a ajuda dos hunos, ela chegou tarde demais para João, que foi preso e morto pelos exércitos de Constantinopla, quando conseguiram tomar a cidade de Ravena. Mas Aécio trouxe os seus hunos para a Itália e estes eram uma força significativa o suficiente para ameaçar a península, o que obrigou o novo governo, através de Placídia, a dar-lhes dinheiro, reféns e um importante cargo militar para Aécio, o comando como general chefe da Gália. Lá ele estaria encarregado de combater os visigodos, então sitiando a cidade de Arles¹⁷². Mas a afinidade entre Aécio e Gala Placídia (a mulher forte do governo) era impossível, porque o preferido dela era o general que comandava a África e era o mesmo que se colocou a seu lado durante a usurpação de João, o seu nome era Bonifácio¹⁷³. O comandante geral do exército ainda era Félix¹⁷⁴, que fora nomeado pela influência do imperador oriental para comandar o exército que colocou Valentiniano III, como Augusto do ocidente.

¹⁷² FERRILL, op. cit., p.117

¹⁷³ “Bonifacio, llamado de Africa a Italia por Placidia para rivalidad con Aecio, vuelve a palacio.” *Idácio; cron. a.432 -VIII[470-472]*

¹⁷⁴ Este general foi nomeado por Teodósio II para comandar as forças orientais que depuseram o usurpador João. “... el noble Félix es nombrado general en jefe de la milicia.” *Idácio; cron. a.425 -I[402]*

Mesmo sendo o preferido de Placídia, o general Bonifácio se desentendeu com ela e começou uma rebelião no norte da África, obtendo sucessos militares contra forças mandadas da Itália contra ele. Para conseguir novamente a sua lealdade, pois com a morte de Félix, agora tanto Bonifácio quanto Aécio, tinham cargos igualmente altos no exército, Placídia concedeu o cargo de patrício a Bonifácio. Isto deixou claro para Aécio que Placídia queria livrar-se dele e afastá-lo definitivamente do poder. Placídia lançou o seu general contra Aécio e este o enfrentou no campo de batalha. Batalha que teve a vitória tática de Bonifácio, mas que não pode tirar proveito dela, pois morreu pouco depois de ferimentos recebidos nela. Aécio foi obrigado a voltar para junto dos hunos onde com a ajuda deles conseguiu ser restaurado no poder por Placídia (433), daí em diante foi o general predominante em Roma, até a sua morte, em 454. A guerra civil entre Aécio e Bonifácio, para decidir quem seria o general do imperador¹⁷⁵, reforça a hipótese dos militares como os verdadeiros donos do poder.

Enquanto Aécio foi o supremo general de Roma, teve que combater muito para manter a Gália sob o governo romano. E um dos maiores desafios que teve que enfrentar para mantê-la sob o seu domínio, foi a guerra que sustentou contra os hunos liderados por Átila.

Os hunos, normalmente eram aliados dos romanos e em especial do general Aécio. Ajudaram-no na luta contra Gala Placídia e o general Bonifácio e seus sucessores para estabelecer quem seria o comandante

¹⁷⁵ “Pela primeira vez, uma guerra civil foi sustentada não para saber quem deveria ser imperador, mas quem deveria ser o generalíssimo do imperador.” In : FERRILL, op. cit., p.118

supremo dos exércitos romanos, no início da década de 430. Em 436¹⁷⁶, tribos burgúndias que eram federadas de Roma, rebelaram-se e avançaram para território romano. Aécio conseguiu, mais uma vez, com que os hunos fossem ao seu encontro e infringir-lhes uma grande derrota, aonde milhares de burgúndios foram mortos¹⁷⁷. Este episódio foi a base que deu origem às lendas da epopéia germânica conhecida como “Cantos dos Nibelungos”.

Enquanto isso, os visigodos sob Teodorico I, atacam a cidade de Narbona no sul da Gália, obrigando Aécio a empreender mais uma campanha contra eles e libertando a cidade do assédio apesar de que um de seus auxiliares, o general Litório¹⁷⁸, fosse capturado e morto. Tendo os godos sofrido muitas baixas¹⁷⁹ após três anos de lutas e sendo repelidos de volta para Tolosa, fizeram a paz com os romanos novamente¹⁸⁰.

Como conseqüência, Aécio torna-se, no quadro geral da Gália, quase que um soberano absoluto. Isto era tão notório que, por exemplo, os habitantes romanos da Hispânia que estavam enfrentando dificuldades com os suevos em 432, recorreram ao general para ajudá-los a controlar os distúrbios provocados por aqueles bárbaros. O fato dos hispano-romanos procurarem a ajuda de Aécio e não do imperador ou de sua mãe, a poderosa Gala Placídia, mostra inequivocamente quem era na realidade a força por

¹⁷⁶ “Los Borgoñones que se habían rebelado son batidos por los Romanos bajo la jefatura de Aecio”. *Idácio; cron. a.436- XII [517-518]*

¹⁷⁷ “Viente mil Borgoñones cayeran”. *Idácio; cron. a.437- XIII [530]*

¹⁷⁸ “En la guerra de los Godos, junto a Tolosa, en el reinado de Teodorico, el general romano Litorio, después de acometer temerariamente con una tropa auxiliar de Hunos, son muertos éstos, y él mismo es apresado, herido y asesinado días después”. *Idácio; cron. a.439- XV [548-552]*

¹⁷⁹ “De los Godos fueron muertos ocho mil bajo la jefatura de Aecio.” *Idácio; cron. a.438- XIII [533]*

¹⁸⁰ “Se hace la paz entre Romanos y Godos”. *Idácio; cron. a.439 -XV [553]*

trás do governo. Na comitiva que foi enviada a Aécio estava o próprio Idácio¹⁸¹.

A ameaça à hegemonia de Aécio na Gália começou com a ascensão de Átila como rei dos hunos em meados da década de 430. Nesta época os hunos já recebiam tributos do imperador oriental, Teodósio II, para não atacarem a região e servirem como aliados. Átila conseguiu com que estes tributos fossem aumentados no início da década de 440. Mas que deixou o rei huno furioso, foi que após a morte de Teodósio, ocorrida em 450, o seu sucessor¹⁸² não concordou em continuar pagando aos hunos. Como com a ascensão de Átila a influência do general Aécio sobre os hunos quase desapareceu e, sendo o ocidente uma presa mais frágil que o oriente, naquele momento, no aspecto militar, Átila decidiu formar uma coalizão com outras tribos descontentes que estavam no oriente e partiu para conquistar a Gália¹⁸³.

A ação dos hunos foi violenta e poucas cidades escaparam ilesas, provocando o temor tanto nos romanos como nos godos assentados nesta região. Para enfrentar a ameaça generalizada de Átila, Aécio conseguiu montar uma coalizão de forças formadas pelos exércitos romanos, dos alanos instalados no sudeste da Gália e dos federados visigodos que estavam sob o comando do rei Teodorico I.

¹⁸¹ “De nuevo los Suevos perturban la paz establecida con los Galaicos, cuando se les ofrece la ocasión. Debido a la devastación de éstos, Idacio obispo se hace cargo de la embajada a Aecio, que la sazón llevaba a cabo una expedición en las Galias”. *Idácio; cron. a.431- VII [457-461]*

¹⁸² “El emperador Teodosio muere en Constantinopla a sus 49 años. Tras él, sin dilación es nombrado emperador por los jefes militares y el ejército, y a instancias también de la hermana de Teodósio, la emperatriz Pulqueria; Marciano; quien, tomando por esposa a ésta, reina en las partes de Oriente”. *Idácio; cron. a.450- XXVI [692-699]*

¹⁸³ “El pueblo de los Hunos, rompiendo el pacto de paz, devasta las provincias de las Galias, y son destruídas muchas ciudades”. *Idácio; cron. a.451- XXVII.I [712-714]*

Nas planícies Catalúnicas, não longe da cidade de Metz, que os hunos haviam destruído, lutando em batalha campal contra Aécio e o rei Teodorico, que estavam associados por um pacto de paz, os hunos são vencidos e batidos com a ajuda de Deus. Uma noite profunda findou a batalha. Ali caiu e morreu o rei Teodorico. Se menciona que caíram nesta batalha uns 300 mil homens.¹⁸⁴

Este embate ficou conhecido na história como a batalha dos Campos Catalúnicos (ou Châlons). A vitória foi creditada aos aliados romanos, mas Átila pôde retirar-se do campo com algumas forças, apesar das fontes citarem uma verdadeira carnificina (o número de mortos citado por Idácio é de 300 mil, muito provavelmente um exagero retórico), em que pereceu o próprio rei visigodo, Teodorico I.

Aécio teve que lutar contra Átila por mais algum tempo, pois este conseguiu reorganizar-se e ameaçou a península itálica. Lá provocou muita violência, destruindo cidades e realizando saques. Aécio conseguiu contê-lo com a ajuda de reforços enviados pelo imperador oriental e pelas dificuldades logísticas dos hunos. Átila, também enfrentou epidemias e ataques do exército oriental às suas bases na retaguarda¹⁸⁵.

Não mais podendo continuar a campanha, Átila retira-se para a sua base nos campos húngaros e lá morreu e com ele o seu império e a força dos hunos que deixou de ser uma ameaça para sempre.

¹⁸⁴ *Idácio; cron. a.451- XXVII.I [715-723]*

¹⁸⁵ “En el año segundo del príncipe Marciano, los Hunos, que depredaban Itália, invadiendo incluso bastantes ciudades, son castigados por disposición divina en parte por el hambre, en parte por cierta enfermedad, como por plagas del cielo. Son también batidos por refuerzos enviados por el príncipe Marciano bajo la jefatura de Aecio, y a la vez son sometidos en sus propias tierras por plagas del cielo y por el ejército de Marciano, y de ese modo dominados, hacen la paz con los romanos, y todos se vuelven a sus propias tierras, a donde vuelto luego su rey Atila, muere”. *Idácio; cron. a.452- XXVIII.II [740-752]*

Aécio conseguiu manter o ocidente, pelo menos parte, a salvo da desagregação. Na Gália, o sucessor imediato de Teodorico I, manteve-se hostil a Roma, mas logo foi assassinado e Teodorico II¹⁸⁶, que o sucedeu, manteve-se aliado a Roma. O império ocidental que Aécio manteve compreendia a Gália, a Hispânia e a Itália. A África foi perdida para sempre quando os vândalos a invadiram em 429, e a ocuparam permanentemente dez anos mais tarde com a tomada de Cartago. Isto foi resultado da política de Aécio, que para combater o general rival ao posto de patrício e comandante supremo, teve que desguarnecer a província africana, o que facilitou a ação dos vândalos.

Sem as ameaças dos hunos e seus aliados e com os vândalos na África satisfeitos com o pacto de federados¹⁸⁷ desde 442, o imperador Valentiniano III, agora livre de sua mãe, Placídia (morta em 450)¹⁸⁸ sentiu que poderia livrar-se também do seu general que a tanto tempo vinha dominando-o. Em 454, o próprio imperador põe fim à vida de Aécio¹⁸⁹. Liberdade passageira, pois o imperador é vítima da vingança de partidários do general assassinado e assim acaba a dinastia de Teodósio I, o grande, no governo de Roma¹⁹⁰.

¹⁸⁶ “Turismón, rey de los Godos, que respiraba hostilidad, es degollado por los hermanos Teodorico y Frederico, y le sucede en el reino Teodorico”. *Idácio; cron. a.452- XVIII.II [757-760]*

¹⁸⁷ FERRILL, op. cit., p.133

¹⁸⁸ “Muere en Roma Placidia”. *Idácio; cron. a.450- XXVI [700]*

¹⁸⁹ “Aecio, general en jefe y patricio hecho venir por engaño sólo es muerto dentro del palacio por mano del mismo emperador Valentiniano, y con él a la vez son degollados por el espartario de su escolta introducidos uno por uno algunos de los dignatarios”. *Idácio; cron. a.454- XXX.III [770-775]*

¹⁹⁰ “El emperador Valentiniano es asesinado en Roma por dos bárbaros, familiares de Aecio, en campo abierto, a pesar de rodearle el ejército”. “Hasta Valentiniano retuvo el principado la estirpe de Teodosio”. *Idácio; cron. a.455- XXXI.V [779-783;804]*

Com a morte do general Aécio, acaba também a continuidade dos “grandes romanos” ou daqueles que mesclavam a antiga tradição de *vir publicus* romano com as tarefas militares, no comando das forças militares do império e paulatinamente das próprias instituições do império romano ocidental.

Aécio é para Idácio o representante do cidadão romano tradicional e aristocrático por excelência. Militar de carreira que superou seus rivais e lutou para manter o maior tempo possível a integridade territorial do império. Seus atos aparecem em muitas ocasiões na crônica, talvez porque este seja o generalíssimo que exerceu o seu mandato durante a vida adulta e episcopal do cronista. E como o período em que Aécio foi comandante também seja bastante longo, cerca de quatro décadas, e possivelmente o tenha conhecido pessoalmente quando de sua embaixada para pedir auxílio contra os suevos da sua província, ou pelo sucesso de sua trajetória, mereceu uma longa série de registros.

Pela narrativa da crônica, Idácio parece concordar com Procópio quanto a carreira, bravura e vida de Aécio, mas na verdade houve uma perda estratégica na tentativa de manter o império unido. Ao privilegiar o seu domínio sobre a Gália, teve que abrir mão da África, uma outra importante fonte de abastecimento de Roma. Mas o cronista não parece refletir que fosse derrota pessoal do general e sim das intrigas palacianas que até levaram o general e o imperador à morte.

Daí em diante teremos uma maior influência dos bárbaros nos negócios de Roma e principalmente no comando e composição do exército imperial.

4.4 VISIGODOS

Para ocupar o cargo deixado vago por Valentiniano III, foi escolhido um dos cônsules para imperador. Máximo¹⁹¹ governou por apenas quatro meses, pois caiu em desgraça junto à população¹⁹² e os comandantes militares, em meio aos tumultos provocados pela invasão e saque, por parte dos vândalos, na cidade de Roma. Ele também estava envolvido nas mortes dos seus antecessores¹⁹³, prática que indica-nos um verdadeiro esfacelamento das instituições imperiais em território romano ocidental.

O pretendente ao trono veio da Gália, era um rico senador e comandante do exército gaulês¹⁹⁴ chamado Avito. Ele contava com o apoio da aristocracia da região e principalmente com a sustentação militar do rei visigodo, Teodorico II. Com este poderoso apoio ele pode marchar para a capital do império e se fazer reconhecer como o legítimo imperador¹⁹⁵.

Em sua marcha, Avito teve que primeiro passar por Tolosa, que era a sede administrativa do rei visigodo, não por acaso, mas para obter dele o indispensável apoio político e principalmente militar. Isto mostra que mesmo sendo aclamado pela aristocracia galo-romana e pelo exército romano ali estacionado, a anuência e apoio militar dos visigodos era, de fato, uma realidade que se fazia necessária a qualquer pretensão de sucesso

¹⁹¹ “... es titulado Augusto XLIII de Roma MAXIMO, uno de los cónsules, quien nombrado emperador, habiendo tomado por mujer la viuda de Valentiniano”. *Idácio; cron. a.455 -XXXI.V[783-785]*

¹⁹² “... es asesinado en la misma Roma en un tumulto del pueblo y por una sedición militar”. *Idácio; cron. a.455 -XXXI.V[796-798]*

¹⁹³ “... porque había contribuido a la muerte de los asesinados por Valentiniano, y a la del mismo Valentiniano, cuando había cumplido cuatro meses”. *Idácio; cron. a.455 -XXXI.V[791-795]*

¹⁹⁴ FERRILL, op. cit., p.136

¹⁹⁵ “En el mismo año, en la Galia, Avito, ciudadano Galo, es titulado Augusto por el ejército de la Galia y por los dignatários, primero en Tolosa, después en Arlés; se dirige a Roma y es aceptado”. *Idácio; cron. a.455 -XXXI.V[799-803]*

no governo imperial deste período. Avito, aproveitou o apoio dos visigodos na Gália e então direcionou as forças romanas para fazer frente às tentativas de expansão dos vândalos do norte da África para as ilhas mediterrâneas. Apesar de contratempos climáticos e a falta de uma força naval eficiente, conseguiu conter o avanço dos vândalos e rechaçá-los da Itália e ilhas mediterrâneas, através de seu novo general chefe, o bárbaro Recímer, de volta para a África¹⁹⁶. Paralelamente precisava também de um maior controle sobre as províncias que estavam sendo ocupadas pelos suevos na Hispânia. Esta tarefa só foi possível com o auxílio das forças visigodas. Avito delegou para Teodorico a execução da tarefa e o rei viu uma grande oportunidade para intervir decisivamente na península Ibérica e com o legítimo pretexto de apoiar a frágil situação de seu protegido imperial na Itália¹⁹⁷.

Teodorico atuou ativamente contra o crescente poder dos suevos que após a morte de Valentiniano III, sentiram-se mais ainda desobrigados para com o império e romperam os acordos de paz que haviam firmado¹⁹⁸. Estes causaram depredações e realizaram saques na diocese, inclusive invadindo províncias consideradas estratégicas para o império¹⁹⁹. Como retaliação, Teodorico comandou pessoalmente um importante exército que entrou na

¹⁹⁶ “Por los mismos días, por engaño del conde Rechimer [Recímer] se anuncia al rey Teodorico que gran multitud de vándalos que se habían dirigido a las Galias y Italia desde Cartago con LX naves es desbaratada por Avito.” *Idácio; cron. a.456 -II.VI[890-901]*

¹⁹⁷ SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, op. cit., p.261

¹⁹⁸ “Los suevos hacen presa en las regiones de la Cartaginense, que habían devuelto a los romanos.” *Idácio; cron. a.455 -XXXI.V[821-824]*

¹⁹⁹ “Pero después de su venida el rey de los suevos, Rechiario con numerosa tropa de los suyos invade las regiones de la provincia Tarraconense, haciendo allí gran botín y llevandose abundantes cautivos a Galaecia.” *Idácio; cron. a.456 -II.VI[845-851]*

Hispânia em nome do imperador, e infringiu uma grande derrota aos suevos que se dispersaram e seu rei foi preso e executado²⁰⁰.

Enquanto o rei visigodo continuava a campanha para consolidar sua posição na Hispânia, foi surpreendido com a deposição de seu aliado²⁰¹, o imperador Avito, por obra de Recímer, agora seu inimigo. Teodorico voltou para a Gália a fim de defender suas possessões na área, pois o novo imperador, Majoriano, foi tentar reaver as posições mais estratégicas que estavam em poder dos visigodos naquela diocese²⁰².

O rei partiu da Hispânia mas deixou parte de seu exército e comandantes como governadores das regiões que foram tomadas aos suevos²⁰³. A luta entre os godos e os exércitos de Majoriano dura cerca de dois anos, mas apesar de que os resultados sejam mais favoráveis ao imperador, Teodorico mantém uma posição pessoal bastante favorável na Hispânia. Lá ele consegue nomear e remover comandantes militares e governadores para as províncias. Enquanto os suevos estavam tentando se reorganizar, porque depois da derrota para os visigodos estavam divididos em duas facções²⁰⁴, faziam saques e obrigavam o rei visigodo a enviar mais tropas para contê-los²⁰⁵.

²⁰⁰ “... el rey de los godos Teodorico, con forte ejército y por designio y orden del emperador Avito, y habiéndosele opuesto el rey de los suevos, Rechiario, junto al rio Orbigo, es vencido en el combate entablado”. *Idácio; cron. a.456 -II.VI[852-865]* ; SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, op. cit., p.261

²⁰¹ SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, op. cit., p.261

²⁰² FERRILL, op. cit., p.136

²⁰³ “Teodorico, aterrorizado por notícias desfavorables para él, sale de Mérida, y volviendo a las Galias, envía a las tierras de la Galaecia parte de la mucha gente que tenía de distintas naciones, junto con jefes suyos.” *Idácio; cron. a.459 -III[927-934]*

²⁰⁴ SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, op. cit., p.262

²⁰⁵ “El ejército de los Godos con su general Cirila es enviando por el rey Teodorico a las Hispanias, y se traslada en el mes de julio a la Bética.” *Idácio; cron. a.458 -[976-978]*

No sul da Gália o imperador consegue conter os visigodos que estavam sitiando mais uma vez a cidade de Arles, este importante ponto estratégico, e como consequência os dois líderes chegaram a um acordo de paz²⁰⁶, resultando no envio de mais tropas visigodas para manter as províncias²⁰⁷ mediterrâneas da Hispânia. O objetivo era montar uma campanha naval²⁰⁸ contra os vândalos, que estavam ameaçando mais uma vez a posição romana no ocidente²⁰⁹, a partir das bases destas províncias, para isso era importante que os suevos que as ameaçavam fossem controlados. Mas o projeto fracassou por um ataque preventivo por parte dos vândalos que destruíram a frota²¹⁰ e o imperador voltou para a Itália, derrotado e sem exército, onde foi preso e executado por seu general chefe, Recímer²¹¹.

A crise no processo de sucessão ao trono imperial contribuiu para um maior fortalecimento da posição dos emergentes reinos bárbaros na Gália. Isto ocorre com um certo apoio das classes aristocráticas senatoriais que “estavam perdendo a esperança do restabelecimento da hegemonia do

²⁰⁶ “Embajadores enviados por Nepociano, comandante del ejército, y por el conde Sunerico, se presentan a los Galaicos, informando que el emperador Mayoriano y el rey Teudorico habían sancionado inquebrantable pacto de paz, después de vencer a los Godos en un combate.” *Idácio; cron. a.469 -III[996-1001]*

²⁰⁷ A Cartaginense e a Tarraconense (ver mapa)

²⁰⁸ SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, op. cit., p.263

²⁰⁹ FERRILL, op. cit., p.137

²¹⁰ “En el mes de mayo entra el emperador Mayorano en las Hispanias. Y al dirigirse éste a la provincia Cartaginense, los vândalos avisados desde la costa Cartaginense por unos traidores, raptan bastantes naves, que había equipado para su tránsito contra los Vândalos. En vista de lo cual mayorano, frustrado en sus disposiciones, se vuelve a Italia.” *Idácio; cron. a.460 -III[1009-1017]*

²¹¹ “A Mayoriano a volver a Roma de las Galias, y cuando ordenaba los negocios necesarios del Imperio y poder Romano, lo mató valiéndose del engaño Requimer, impulsado por la envidia y apoyado por los consejos de los envidiosos.” *Idácio; cron. a.461 -V[1050-1055]*; FERRILL, op. cit., p.137

império, mostravam clara colaboração com os novos poderes.”²¹² Um claro sinal da maior presença dos visigodos como representantes do que restava do poder do exército de Roma, foi um fato protagonizado pelos galaico-romanos ao enviar diretamente ao rei visigodo, e não mais ao imperador ou seus generais como o fizeram no tempo de Aécio, uma embaixada para pedir ajuda frente as ações depredatórias dos suevos na região.²¹³

A posição visigoda na Hispânia era tão forte que mesmo quando as facções suevas são novamente reunidas sob um único rei²¹⁴, este faz um pacto de paz com os visigodos e consolida-o casando-se com a filha de Teodorico²¹⁵.

Enquanto os imperadores romanos são elevados e depostos pelas manobras de Recímer, os assuntos políticos e militares fora da Itália estão cada vez mais controlados pelo rei visigodo. Seu poder na região sul da Gália está consolidado e cresce cada vez mais na Hispânia. Fato demonstrativo desta influência é o envio de missionários arianos para a região, notoriamente católica em sua população de origem romana, que conseguem converter o rei suevo²¹⁶. Mantém o poder de nomear e destituir

²¹² SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, op. cit., p.263

²¹³ “El legado Cirila que llegaba a la Galaecia, junto con Palegorio, noble varón de la Galaecia, que había ido al susodicho rey, se encuentra con los embajadores de Remismundo al mismo rey.” *Idácio; cron. a.463 -VII.III[1096-1100]* ; SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, op. cit., p.264

²¹⁴ “Muerto Frumario, reunidos todos los Suevos bajo su jurisdicción por derecho regio, Remismundo restaura la quebrantada paz.” *Idácio; cron. a.464 -VIII.III[1118-1120]*

²¹⁵ “Remismundo envía embajadores a Teodorico, que a su vez envía los suyos a Remismundo, con dádivas de armas y otros regalos, remitiendo también la esposa que iba tener.” *Idácio; cron. a.464 -VIII.III[1129-1133]*

²¹⁶ “El gálata Ajax apostata y se hace arriano entre los Suevos con la ayuada de su rey, resultando enemigo de la fe católica y de la divina Trinidad. Este veneno pestífero del enemigo del hombre ha sido traído por los Godos de la Galia.” *Idácio; cron. a.466 -[1152-1157]* ; SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, op. cit., p.264

comandantes militares, substituindo os generais romanos por generais de seu próprio exército.²¹⁷

Teodorico, apesar de federado ao império, com o passar do tempo consegue agir com grande autonomia nas regiões de Tolosa e na diocese da Hispânia. Tanto que ao morrer, estas regiões são governadas com total independência pelo seu sucessor, Eurico, que também adota uma política expansionista, com o objetivo de por “fim para sempre, segundo E.A. Thompson, ao tratado de 418”²¹⁸, acabando com o último elo que mantinha com Roma e seu homem forte, Recímer.

Os visigodos são amplamente citados na crônica e não só sob os aspectos militares, mas como protagonistas de eventos políticos, religiosos, saques, violência contra cidades, população romana e não romana.

Mas, apesar disso, Teodorico II e os visigodos são para Idácio, os últimos alentos para manter a integridade do império como uma unidade política. Apesar de representarem desgraçadamente a heresia ariana, os seus exércitos pareciam ser as únicas forças capazes de conter os suevos, mais fisicamente perigosos para o galaico, e no império, manter as províncias da Gália da Hispânia unidas sob a bandeira de Roma através do que restava do antigo pacto de aliança. Os visigodos também eram vistos como uma força de dissuasão contra as possíveis maiores ambições do regente bárbaro que atuava na Itália. Tudo isto pode justificar plenamente as palavras de “colaboração com os novos poderes” que encontramos no texto de Sayas e Garcia Moreno.

²¹⁷ SAYAS ABENGOCHEA & GARCIA MORENO, op. cit., p.264

²¹⁸ In : FERRILL, op. cit., p.138-139

4.5 RECÍMER

Durante os últimos anos de existência do império romano do ocidente, uma figura esteve presente no comando do exército romano, principalmente das tropas que ficaram na península itálica. Seguindo a tradição de que o poder de fato era o do comandante militar, Recímer²¹⁹, um general de origem bárbara, governou a Itália durante mais ou menos quinze anos através de uma sucessão de imperadores títeres.

Recímer esteve a frente do império romano do ocidente, mas sua atuação ficou restrita quase que exclusivamente ao território da Itália. Esta restrição deveu-se ao fato de que as demais províncias romanas já estavam de algum modo sob o controle de forças que agiam com alguma independência mas nominalmente aliadas à Roma.

A diocese da Gália estava ligada ao império por um pacto federativo através dos visigodos e dos burgúndios que governavam aqueles territórios e garantiam a sua defesa. A diocese da Hispânia era ligada ao império nominalmente mas de fato somente nas regiões em que os visigodos conseguiam exercer seu controle, pela mesma aliança com Roma. O norte da África já estava sob o controle dos vândalos que estavam tentando se expandir pelas costas mediterrâneas ocidentais, inclusive conseguindo

²¹⁹ “O novo generalíssimo era cristão ariano, neto por parte de mãe do rei visigodo Vália, e seu pai era um suevo. Também era tio do rei burgúndio Gundobad. Pouco se conhece do início de sua carreira no exército romano, mas servira sob o comando de Aécio. Deveu sua rápida ascensão como general ao favor de Avito, o imperador que derrubou.” FERRILL, op. cit., p.136

penetrar na Itália e saquear a cidade de Roma²²⁰. O saque ocorreu no intervalo entre a morte de Máximo e a aclamação de Avito.

Recímer foi nomeado general chefe do exército pelo imperador Avito e desde então (455) esteve presente na política do governo na Itália até a sua morte em 472. Depôs o imperador que o nomeou como general chefe e foi o responsável pela nomeação e sustentação de seu sucessor, Majoriano, que teve que lutar no campo de batalha contra o rei visigodo que inicialmente não aceitou esta nomeação. Quando do fracasso de Majoriano em atacar os vândalos, de novo Recímer afastou o seu testa-de-ferro. O novo imperador, Severo (461-465) mais uma vez, foi obra do general, mas o imperador foi um fantoche tão ofuscado que quase não temos notícias do seu governo. Quando o novo títere de Recímer morreu, o rei vândalo e o imperador oriental tentaram interferir na política sucessório do ocidente, Recímer não apresentou candidato e transferiu a tarefa para o imperador oriental, Leão I, que acumulou o cargo e governou, com o general como seu representante no ocidente, por aproximadamente dois anos sobre as duas partes do império romano. Mas por problemas com os vândalos, Leão resolveu enviar um respeitável membro da aristocracia, Antêmio (467-472), acompanhado de um exército para ser o imperador ocidental e para ajustar a situação com Recímer, este casou-se com a filha do novo imperador e foi proclamado patrício do império. O general ainda conseguiu sobreviver a Antêmio e fazer outro imperador, Olíbrio, mas este e Recímer, tiveram

²²⁰ “Gaiseric, llamado por la viuda de Valentiniano, como hace correr la mala fama, antes de Avito fuera Augusto, entra en Roma, y después de rapinar las riquezas de los Romanos, vuelve a Cartago, llevándose consigo a la viuda de Valentiniano, a sus dos hijas y al hijo de Aecio, llamado Gaudencio.” *Idácio; a.455 -I[813-820]*

aparente morte natural em 472. Assim chegou ao ápice e ao fim a carreira do general bárbaro que dominou a cena política e militar, exercendo o seu poder, mesmo que restrito ao território italiano, através de cinco imperadores efêmeros e lutando contra a crescente influência dos visigodos, vândalos e da política do imperador oriental²²¹.

Idácio reconhece na figura de Recímer um general que tentou conter os avanços dos vândalos sobre a península itálica e que mantinha o controle sobre o território italiano fazendo e desfazendo imperadores. Talvez por isso colocasse suas esperanças nas forças visigodas do rei Teodorico II, apesar de ser um bárbaro e ariano no que se refere a religião. A balança deve ter pesado para o lado do rei Teodorico, pois ambos, o rei e o general, eram bárbaros e arianos, mas como o rei estava nominalmente encarregado da proteção da região em que o bispo habitava e o rei pessoalmente estava interessado em aumentar a sua autoridade na região, ele parecia mais útil como força contra os inimigos mais presentes na vida dos galaicos-romanos. O rei visigodo defendia os interesses que também eram os dos romanos contra as pretensões dos suevos e tudo em nome de Roma, pois o pacto federativo ainda era válido e utilizado pelo visigodo em suas ações. Enquanto que o general Recímer parecia estar voltado somente para a Itália e no plano externo, defender-se das investidas dos vândalos e das interferências do imperador oriental.

²²¹ Ver FERRILL, op. cit., p.136-138

5 CONCLUSÃO

Do momento em que Teodósio I assume o império, os elementos que determinaram a extinção política do império romano do ocidente, estão em plena marcha. O destino reservaria pouco menos do que um século para a derradeira desintegração política do império nos territórios ocidentais.

Idácio, escrevendo após a metade do século V, narra os fatos que antecederam o colapso político do império ocidental. Ao redigir a primeira parte de sua obra descreve, primeiro, a grande tarefa da dinastia teodosiana em sua tentativa para manter a integridade territorial do ocidente. Mesmo começando o seu governo como o imperador oriental, Teodósio e seus descendentes passaram a governar, também, o ocidente, que sofreu maiores ataques dos invasores que os orientais que lograram maior sucesso em manter sua integridade política e territorial por um período de tempo bem superior ao dos ocidentais.

A grande tarefa da casa de Teodósio, foi manter o governo sobre os territórios que davam sustentação militar e logística para a sobrevivência do império. Contando com elementos considerados ‘fracos’ por alguns historiadores clássicos, os imperadores descendentes do grande Teodósio, tiveram a sorte, ou o azar, dependendo do ponto de vista, de contar com auxiliares com alguma capacidade na política e na arte militar.

Com isso em vista, o cronista trabalha com uma supremacia da tradição romana e uma esperança quase saudosista na possibilidade de manter a integridade, primeiro territorial e depois a integridade política e social do império. Mesmo que a presença dos novos habitantes do ocidente

estivesse irremediavelmente concretizada, o gênio romano esperava poder assimilá-los à civilização milenar de que tanto se orgulhava a sociedade romana.

Portanto, Idácio, membro dos grupos sociais mais elevados desta civilização observa a sua lenta agonia e tenta elevar ao máximo as suas virtudes, sempre em relação aos estrangeiros que eram portadores de uma civilização infinitamente inferior e por isso mesmo passível de ser submetida. Organização política, religiosa e militar eram atributos que Roma tinha há séculos e os bárbaros só poderiam beneficiar-se dela em presença de Roma.

Mas a inevitável decadência desta grande civilização romana, seja pela própria perda da capacidade de superação, seja pela ‘contaminação’ provocada pela presença da barbárie, não podia ficar fora da percepção de um homem culto e informado sobre o seu tempo como Idácio. Assim, na segunda metade de sua narrativa a exaltação da tradição romana fica na cobrança de que ela exista em pelo menos algum grau nos verdadeiros donos do poder dentro do sistema de governo imperial que existia na segunda metade do século V, principalmente após a morte de Aécio.

Apesar dos visigodos serem de uma civilização ‘inferior’ à romana e mais grave, para um clérigo católico, os que eram cristãos, professavam a forma considerada herética do arianismo. Mesmo assim, Idácio percebeu que as tropas comandadas pelo rei bárbaro eram as últimas forças eficazes para defesa do império. Um império que estava, então, reduzido territorialmente à península Itálica, às províncias da Gália que eram

governadas pelos federados, todos de origem germânica (godos, burgúndios e francos) e a área mediterrânea da península Ibérica. Mesmo assim, na diocese da Hispânia o controle efetivo era sobre as províncias que as forças federadas, principalmente os visigodos, mantinham submetidas em associação com o império romano. O restante ficava sob o domínio, mesmo que errático, dos últimos bárbaros que restaram na diocese, dos que a invadiram no início do século V, os suevos.

O próprio exército de campanha do império já não podia combater eficazmente sem a presença de tropas bárbaras para auxiliá-lo, como no caso da guerra contra Átila, com os bárbaros ocupando o papel principal nos combates.

Idácio era um hispano-romano que vivia na região onde também os suevos, aquela última tribo invasora permaneceu assentada. Os transtornos e depredações provocadas por estes bárbaros suevos eram consideradas pragas bem maiores do que os hereges visigodos que estavam representando, oficialmente, o poder de Roma no momento, pois conseguiram algum controle sobre os suevos, digamos, ‘mais bárbaros’, do ponto de vista do cronista. Hereges eles também eram, incivilizados, um pouco mais, pois teimavam em quebrar os pactos firmados com os romanos, ao contrário dos visigodos que aparentemente tinham maior capacidade, ou interesse, em manterem-se fiéis aos pactos firmados com Roma.

Por estarem os suevos mais perto, isto é, o prejuízo provocado por eles era real e cotidiano na vida do bispo e seus conterrâneos, a sua barbárie era perigosa e a dos visigodos era a da superioridade representada

pelo nome de Roma que eles traziam como justificativa para atuarem contra os inimigos comuns.

A presença dos bárbaros suevos na Hispânia e na região em que Idácio vivia, foi narrada por ele com tons apocalípticos, de fim dos tempos, onde a devastação era impune e sem represálias por parte das autoridades militares do império. As depredações dos bárbaros foram uma das conseqüências, ou pelo menos agravadas, das guerras civis entre os exércitos do império que se rebelaram na Gália e levaram esta guerra também para a Hispânia, o que manteve o governo central ainda mais distante dos cidadãos romanos e seus problemas.

Deste período em diante da crônica, Idácio nos dá conta dos fatos relativos aos bárbaros de alguns generais romanos. Mostra que o momento é de definição. A presença dos invasores estava se consolidando e a tentativa de combatê-los usando as forças antagônicas entre os próprios bárbaros e as direcionando para os interesses romanos, não estavam fora da percepção do cronista. Mesmo que os bárbaros aliados ou os manobrados por Roma, estivessem causando prejuízos aos romanos, principalmente aos seus concidadãos hispano-romanos.

A especial atenção que Idácio dá a sua região natal serve como uma síntese das mudanças na ordem militar do exército romano. O enfrentamento com os suevos, no início do processo de assentamento, era feito, quando possível, pelos próprios romanos ali residentes. Mas com o passar do tempo, a necessidade de auxílio externo era cada vez maior e ele geralmente vinha na forma de auxiliares federados. A dependência dessas

forças para conter os suevos tornou-se freqüente e quase indispensável, pois a situação em outras partes do império impediam ou não favoreciam uma intervenção direta do governo romano. Então a necessidade de conviver com os suevos, estava, agora, condicionada ao balanço de poder entre eles e as forças que ainda representavam o poder imperial.

Isto era o que os visigodos, com tropas e organização militar totalmente próprias, sem vínculos com a organização militar romana, a não ser o modelo operacional e o nome, passaram a fazer. E mesmo o nome romano foi decrescendo e quando os imperadores tornaram-se joguetes nas mãos dos seus generais bárbaros, o rei visigodo atuou cada vez mais independente e autônomo para controlar os seus inimigos nas regiões em que exercia sua autoridade de fato.

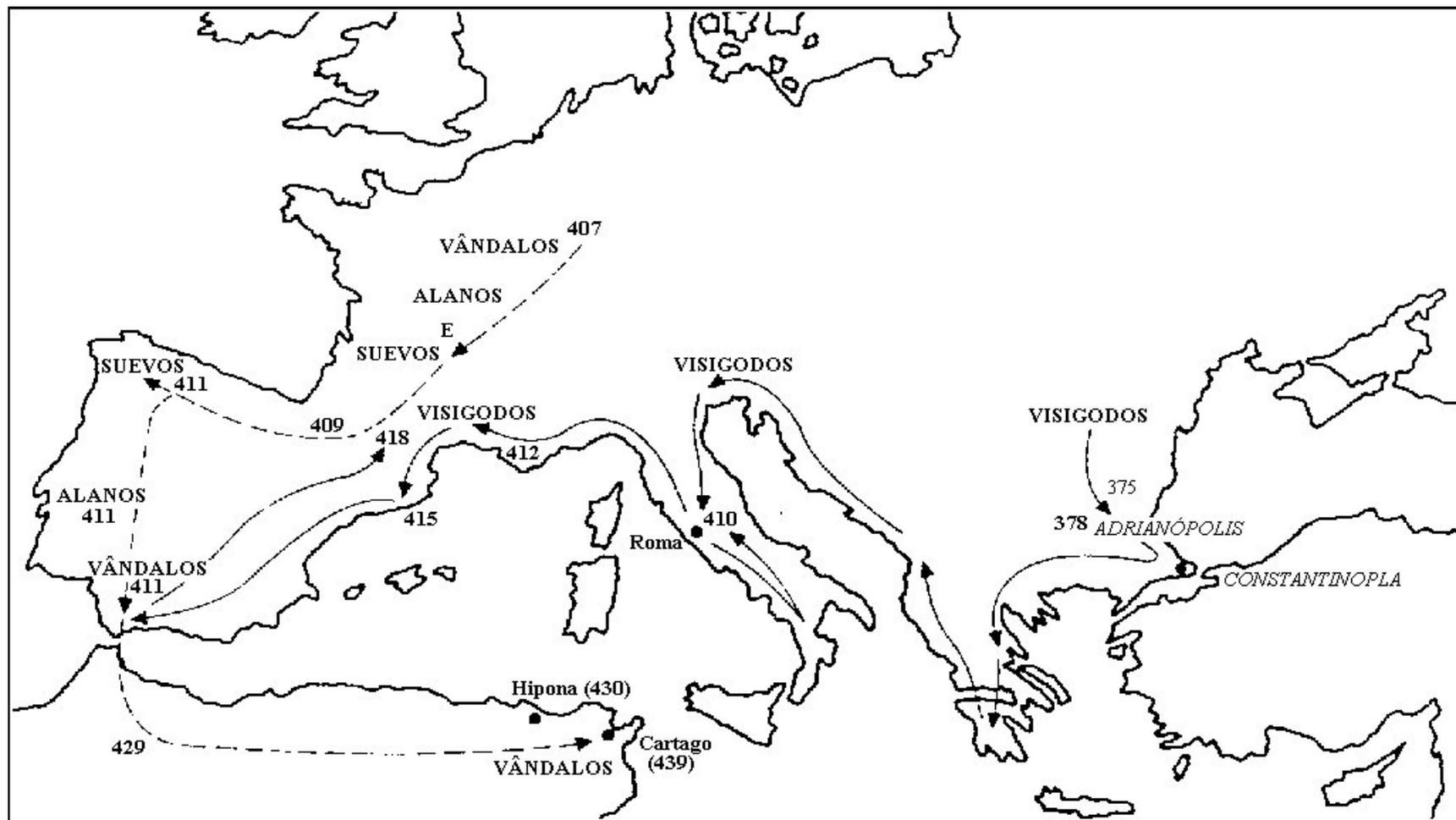
Idácio não viveu, pelo menos a crônica não abrange, para ver o resultado de toda a situação criada no período que narrou. Os visigodos consolidaram o seu reino em Tolosa e estenderam-no para a Hispânia, que dominaram em quase a sua totalidade, dividindo-a com os suevos, os quais também consolidaram seu reino na Gallaecia. O reino visigodo ao romper definitivamente o pacto de federação com o império deu, na prática, a independência a eles nas regiões sob seu controle.

A Gália, exceto as partes dominadas pelos visigodos, ficou sob os também antigos aliados de Roma, os francos e os burgúndios, que passaram a governar de forma independente seus domínios. O norte da África já era independente sob os vândalos durante a vida de Idácio e assim continuaria

por mais algum tempo. A Itália, último reduto do império romano, também torna-se um reino autônomo sob a dominação de reis ostrogodos.

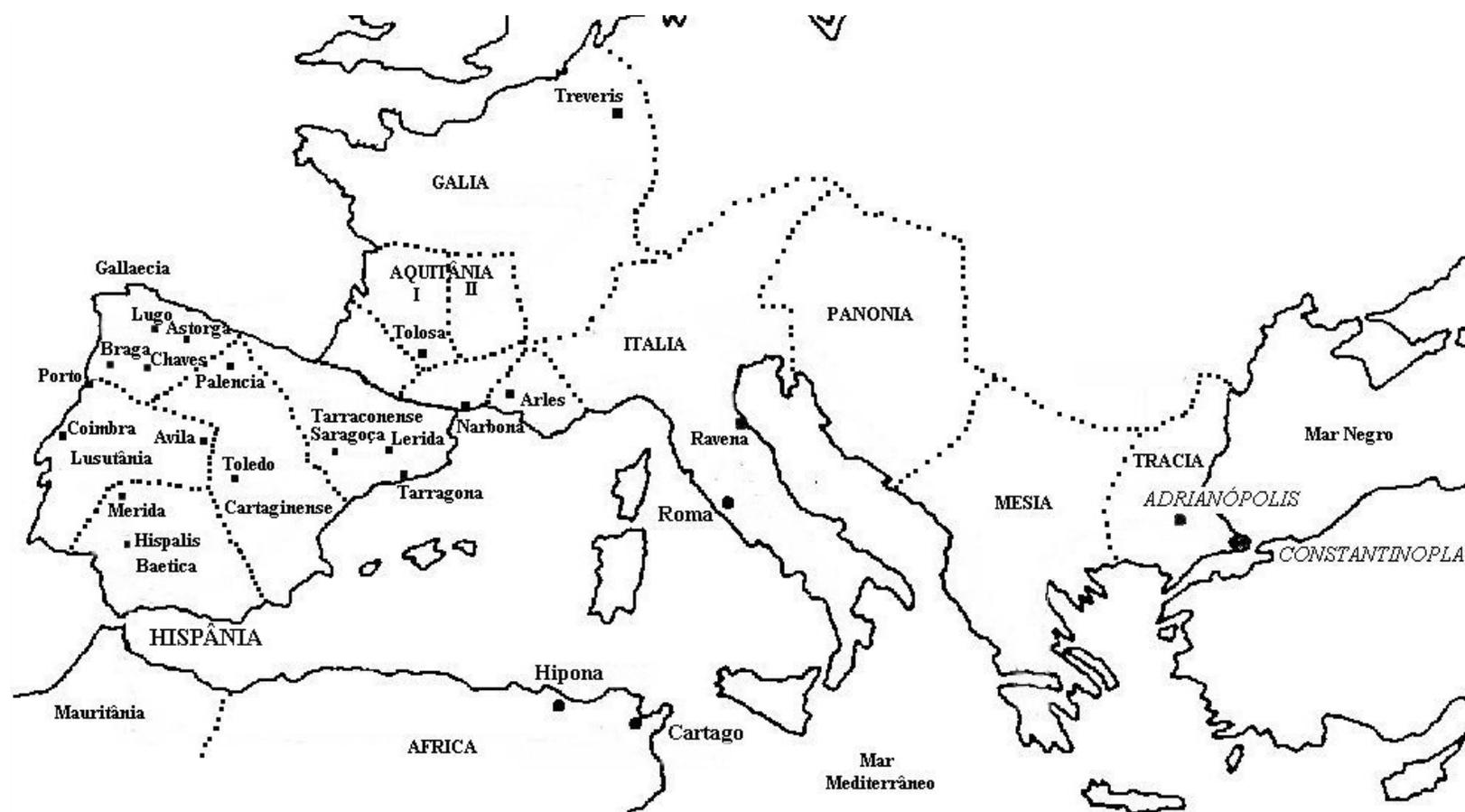
Apesar de não ver o desfecho, Idácio narrou toda a trajetória do enredo, cujo final foi consequência do declínio do poder tradicional dos exércitos romanos que não só foram os responsáveis pela expansão do território romano, como também foi o responsável pela sua manutenção e segurança enquanto esteve operacional e seguindo sua tradição.

ANEXO 1 : MIGRAÇÕES DOS POVOS INVASORES DA HISPÂNIA



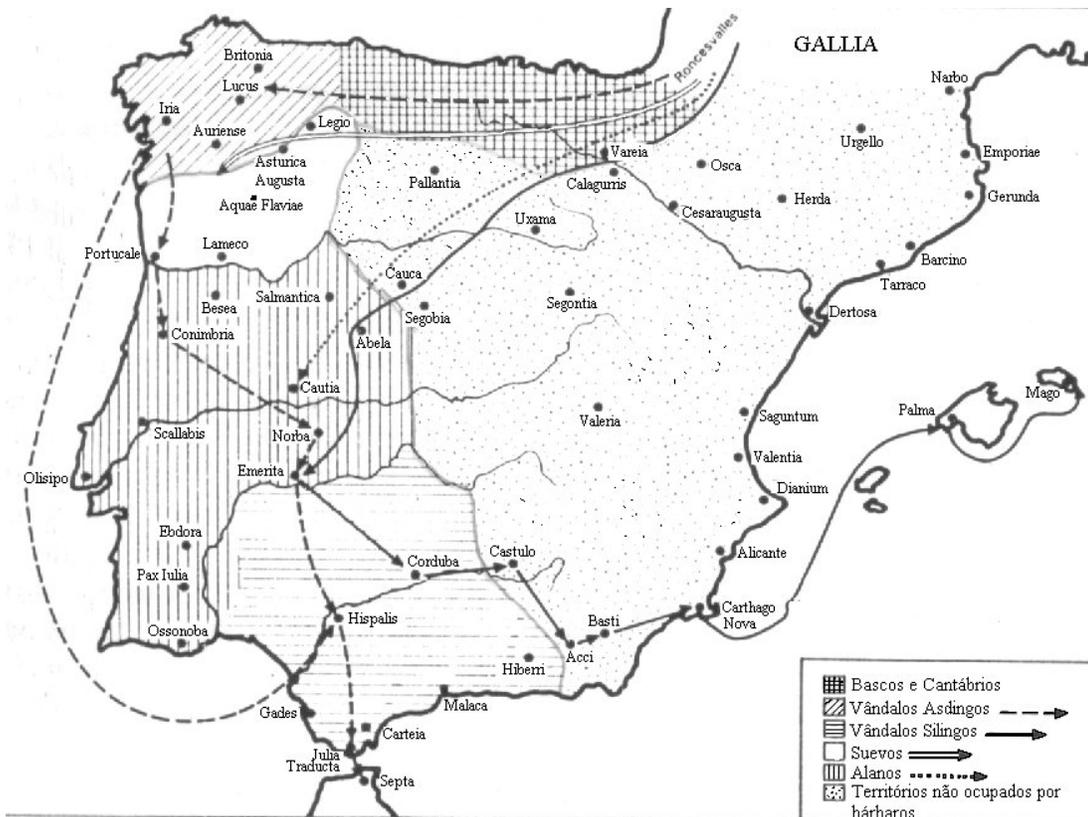
FONTE : ORLANDIS, J., p.22

ANEXO 2: DIOCESES, PROVÍNCIAS E CIDADES, SÉCULO V



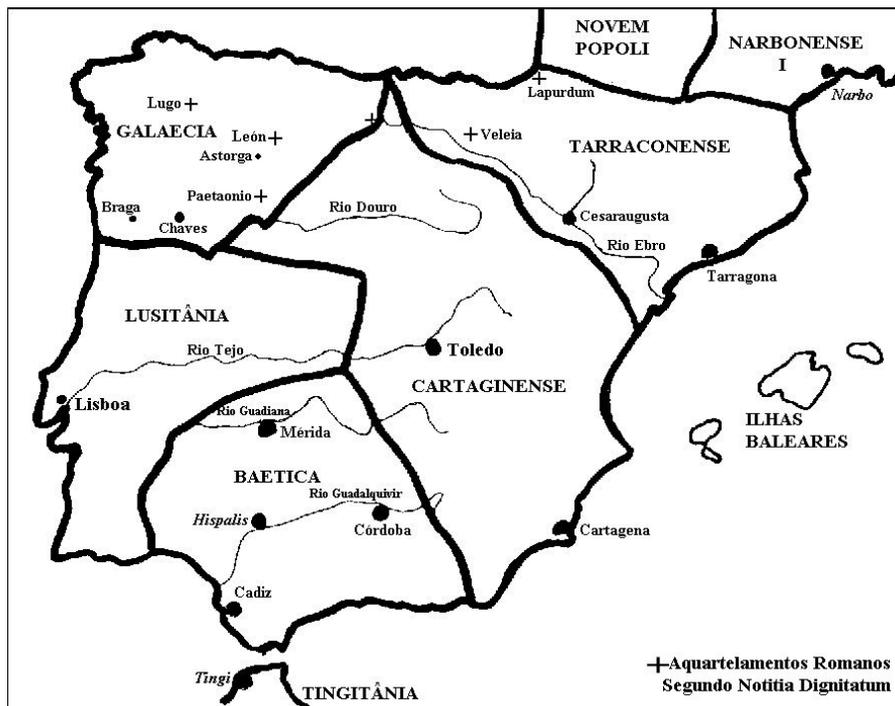
FONTE: EXTRAÍDO DE SCARRE, CHRIS

ANEXO 3: INVASÕES BÁRBARAS NA HISPÂNIA



FONTE: ORLANDIS, J., p.24

ANEXO: 4 PROVÍNCIAS HISPÂNICAS



FONTE: ORLANDIS, J., p.18

BIBLIOGRAFIA

- 01 .ALBERIGO, Guisepe (org.). *História dos concílios ecumênicos*. São Paulo : Paulus, 1995.
- 02 .ARCE, Javier. *El último siglo de la España romana: 284-409*. Madrid : Alianza Editorial, 1986.
- 03 .ARCE, Javier. *España entre el mundo antiguo y el mundo medieval*. Madrid : Taurus, 198_.
- 04 .ARCE, Javier. La transformación de hispania en epoca tardorromana: paiseje urbana, paisaje rural. In : DE LA ANTIGÜEDAD al medievo, siglos IV-VIII. Madrid : Fundación Sanchez-Albornoz, 1993. III Congresso de Estudios Medievales.
- 05 .AYMARD, André ; AUBOIER, Jeannine (orgs.). *História geral das civilizações*. Roma e seu império. Rio de Janeiro : Difel, 1975.
- 06 .BAILEY, Cyril (org.). *O legado de Roma*. Rio de Janeiro : Imago, 1992.
- 07 .BAJO, F. El sistema assistencial eclesiástico occidental durante el siglo IV. In : STVDIA Historica. Salamanca, 1986-87. v.IV-V, n.1, p.189-194.
- 08 .BÍBLIA, Português. *A bíblia de Jerusalém*. 7 ed. rev. São Paulo : Paulus, 1995.
- 09 .BRIZZI, Giovanni. *O guerreiro, o soldado e o legionário*. São Paulo : Madras, 2003.
- 10 .BROWN, Peter. *O fim do mundo clássico, de Marco Aurélio a Maomé*. Lisboa : Verbo, 1972.
- 11 .BURY, J. B. *History of the late roman empire*. Londres : s/ed.,1957. 2v.
- 12 .CAMERON, Averil. *The later roman empire*. Harvard : University Press, 1993.
- 13 .CAMPBELL, Brian. *The Roman army, 31 BC-AD 337*. Londres : Poutledge, 1994.
- 14 .CAMPOS, Julio. *Cronicon de Idacio, obispo de Chaves (s. IV-V)*. Salamanca : Ediciones Calasancias, 1984.
- 15 .CARCOPINO, Jerome. *Roma no apogeu do império*. São Paulo : Cia das Letras, 1991.
- 16 .CARDOSO, Ciro F. *Sete olhares sobre a antigüidade*. Brasília : UNB, 1994.
- 17 .CLEMENTE, Guido. *La "Notitia Dignitatum"*. Cagliari : 1968
- 18 .CODOÑER, Carmen. *Sulpicio Severo, Obras completas*. Estudio preliminar, tradução e notas. Barcelona : Tecnos, 1984.
- 19 .CONCILIOS visigóticos e hispano romanos. Barcelona-Madrid : Inst. Enrique Flórez, 1963. Edição preparada por José Vives.
- 20 .COURCELLE, Pierre. *História literária das grandes invasões germânicas*. Petrópolis : Vozes, 1955.
- 21 .DEL CASTILLO, A. Augusto, el ejercito romano y el problema de limes: Una posible explicación. In: *Ejercito y Sociedad. Cinco estudios sobre el mundo antiguo*. Leon: Universidad de Leon, 1986.
- 22 .DUBY, Georges (org.). *A civilização latina. Dos tempos antigos ao mundo moderno*. Lisboa : Dom Quixote, 1989.
- 23 .ESCRIBANO, Maria Victoria. Usurpación y religión en el s. IV dC. Paganismo, cristianismo y legitimación política. In : BLANCO,

- Antonino Gonzáles (dir.). *Cristianismo y aculturación en tiempos del imperio romano*. Murcia : Universidad de Murcia, 1990. v.VII, p.247-272.
- 24 .FERRIL, Arther. *A queda do império romano, a explicação militar*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1989.
- 25 .FIORETTI, Susana. *La figura del obispo latino y su influencia en la tardía antigüedad*. In : SEMANAS de estvdios romanos. Valparaiso : Universidad de Valparaiso, 2002. v.XI, p. 229-241.
- 26 .FONTAINE, J. *Unité et diversité du mélange des genres et des tons chez quelques écrivains latins de la fin du IV siècle: Ausone, Ambrosie, Ammien*. In : CHRISTIANISME et formes littéraires de l'antiquité tardive en occident, Geneve, 1976.
- 27 .FRIEND, W.H.C. A new eyewitness of the barbarian impact on spain, 409-419. In : BLANCO, Antonino Gonzáles (dir.). *Cristianismo y aculturación en tiempos del imperio romano*. Murcia : Universidad de Murcia, 1990. v.VII, p.333-341.
- 28 .FRIGHETTO, Renan. *Aquae Flaviae na crônica de Hidácio*. In : REVISTA Aquae Flaviae. Chaves, 1997. p.32-40.
- 29 .FRIGHETTO, Renan. *Cultura e poder na antigüidade tardia ocidental*. Curitiba : Juruá, 2000.
- 30 .GARCÍA, Maria Isabel Loring. La difusion del cristianismo en los medios rurales de la península ibérica a fines del imperio romano. In : STVDIA Historica. Salamanca, 1986-87. v.IV-V, n.1, p.195-204.
- 31 .GIBBONS, Edward. *Declínio e queda do império romano*. São Paulo : Cia das Letras, 1989. (edição abreviada).
- 32 .GIGON, Olof. *La cultura antigua y el cristianismo*. Madrid : Editorial Gredos, 1970.
- 33 .HOLUM, K. *Theodosiam empresses; women and imperial domination in late antiquity*. Berkeley, 1982.
- 34 .HYDACE. *Chronique*. Paris : CERF, 1974. Introdução, texto crítico e tradução por Alain Tranoy.
- 35 .IDACIO, Obispo de Chaves. *Su Cronicon*. Salamanca : Ed. Casalancias, 1984. Introdução, texto crítico, versão espanhola e comentários por Julio Campos.
- 36 .JOHNSON, Paul. *História do cristianismo*. Rio de Janeiro : Imago, 2001.
- 37 .JONES, A.H.M. *Le declin du monde antique*, 284-610. Paris : Editions Sirey, 1970. p.242-267.
- 38 .KEEGAN, John. *Uma história da guerra*. São Paulo : Cia das Letras, 1995.
- 39 .LE GOFF, Jaques. *Por amor às cidades*. São Paulo : Editora Unesp, 1988.
- 40 .LOT, Ferdinand. *O fim do mundo antigo e o princípio da idade média*. Lisboa : Edições 70, 1968.
- 41 .MACHADO, Júlio M. *Crônica da vila velha de chaves*. Chaves : Câmara Municipal de Chaves, 1994.
- 42 .MAIER, Franz G. *Las transformaciones del mundo mediterraneo; Siglos III-VIII*. Madrid : Siglo XXI editores, 1972.
- 43 .MASANA, J. Vilella. La política religiosa del imperio romano y la cristianidad hispánica durante el siglo V. In : BLANCO, Antonino

- González (dir.). *Cristianismo y aculturación* en tiempos del imperio romano. Murcia : Universidad de Murcia, 1990. v.VII, p.385-390.
- 44 .MAZZARINO, S. *Stilicone: La crisi imperial dopo Teodosio*. Roma : 1942.
- 45 .MAZZARINO, Santo. *O fim do mundo antigo*. São Paulo : Martins Fontes, 1991.
- 46 .MITRE, Emilio. La formacion de la cultura eclesiástica en la génesis de la sociedad europea. In : *Cultura y culturas en la historia*. Salamanca : Ed. Universidad Salamanca, 1995. p.39-51.
- 47 .MUSSET, Lucien. *Las invasiones; las oleadas germánicas*. Barcelona : Labor, 1967.
- 48 .OOST, Stewart. *Gala Placidia*. Chicago, 1968.
- 49 .ORLANDIS, J. *Historia de España 4 - época visigoda*. Madrid : Gredos, 1983.
- 50 .PÉREZ SANCHEZ, Dionisio. *El ejército en la sociedad visigoda*. Salamanca : Ediciones Universidad de Salamanca, 1989.
- 51 .PIERRARD, Pierre. *História da igreja*. São Paulo : Ed. Paulinas, 1982.
- 52 .PIGANIOL, André. *História de Roma*. Buenos Aires : Eudeba, 1961.
- 53 .REMONDON, Roger. *La crisis del imperio romano, de Marco Aurélio a Anastasio*. Barcelona : Labor, 1967.
- 54 .RODRIGUES GERVÁS. Manuel J. *Propaganda politica y opinión pública, en los panegíricos latinos del bajo imperio*. Salamanca : Ediciones Universidad de Salamanca, 1991.
- 55 .RODRÍGUEZ ALONSO, C. *Las historias de los godos, vándalos y suevos de Isidoro de Sevilla*. Estudio, edición crítica y traducción. León, 1975.
- 56 .ROEDEL, Leila Rodrigues. A cristianização e a tradição clássica na transição da antigüidade para a idade média; o caso do reino suevo. In : BOLITM DO CPA. Campinas : IFCH-UNICAMP, 1997. n.4, jul./dez. p.111-131.
- 57 .ROEDEL, Leila Rodrigues. A monarquia sueva; limites e realizações. In : RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros (org.). *Anais da II semana de estudos medievais*. Brasília : UnB, 1994. p.75-80.
- 58 .ROLDAN HERVAS, J.N. *Ejercito y Sociedad en la España Romana*. Granada : Publicaciones Universidad de Granada, 1989.
- 59 .SÁNCHEZ LEÓN, Juan Carlos. *Los bagaudas: rebeldes, demonios, mártires*. Revoltas campesinas en Galia e Hispania durante el bajo imperio. Jaén : Universidad, Servicio de Publicaciones, 1996.
- 60 .SANTOS YANGUAS, N. *El ejército y la Romanización de Galicia*. Oviedo : Universidad de Oviedo, 1988, 306 p.
- 61 .SAYAS ABENGOCHEA, Juan José ; GARCIA MORENO, Luis A. *Romanismo y germanismo, el despertar de los pueblos hispánicos (siglos IV-X)*. Madrid : Labor, 1985.
- 62 .SCARRE, Chris. *Historical atlas of ancient Rome*. London : Penguin Books, 1995.
- 63 .SIRAGO, V.A. *Galla Placidia e la trasformazione politica dell'Occidente*. Lovaina : s/e, 1961.
- 64 .TEJA, Ramón. *Emperadores, obispos, monjes y mujeres*. Protagonistas del cristianismo antiguo. Madrid : Editorial Trotta, 1999. p.75-107.

- 65 . TUÑÓN DE LARA, Manuel (dir.). *Historia de España*. Barcelona : Labor, 1981.
- 66 . VAINFAS, Ronaldo ; CARDOSO, Ciro F. *Domínios da história*. Rio de Janeiro : Campus, 1997.
- 67 . VEGÉCIO. *A arte militar*. São Paulo : Paumape, 1995.
- 68 . VEYNE, Paul (org.). *História da vida privada*. Do império romano ao ano mil. São Paulo : Cia das Letras, 1990.
- 69 . WINDROW, Martin. *Imperial Rome at war*. Londres : Greenhill, 1996.